UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Campus de São José do Rio Preto

MICHELI FERRAZ FEDOZZI

CONTEXTOS SOCIAIS, FATORES DE RISCO E FATORES PROTETIVOS PARA O CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO



São José do Rio Preto
2025

MICHELI FERRAZ FEDOZZI

CONTEXTOS SOCIAIS, FATORES DE RISCO E FATORES PROTETIVOS PARA O CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestra em Ensino e Processos Formativos.

Área de Concentração: Humanidades, Linguagens e Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.ª. Drª Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

São José do Rio Preto
2025

F381c

Fedozzi, Micheli Ferraz

Contextos sociais, fatores de risco e fatores protetivos para o consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. / Micheli Ferraz Fedozzi. -- São José do Rio Preto, 2025

102 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Profª. Drª. Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

1. Adolescentes. 2. Consumo de álcool. 3. Ensino médio.. 4. Consumo de bebidas alcoólicas. I.Título.

MICHELI FERRAZ FEDOZZI

CONTEXTOS SOCIAIS, FATORES DE RISCO E FATORES PROTETIVOS PARA O CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestra em Ensino e Processos Formativos.

Área de Concentração: Humanidades, Linguagens e Ciências Sociais.

Data da defesa: 21/07/2025

Banca Examinadora

_____

Profª. Drª. Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Orientadora

_____

Profª. Drª. Susana Henriques

Universidade Aberta, Lisboa - Portugal

_____

Profª. Drª. Liana Abrão Romera

Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas portas e janelas que se abriram ao longo da minha vida, por toda proteção concedida e por estar comigo em todos os momentos, sustentando-me com fé e esperança.

À minha família, meu porto seguro, obrigada por todo apoio e carinho, pela confiança que sempre depositaram em mim e nos meus sonhos. Aos meus filhos, Gabriel e Arthur — amores da minha vida e presentes de Deus —, obrigada por me mostrarem diariamente que é sempre possível seguir em frente e ser melhor. Ao meu marido, Daniel, meu companheiro de vida, agradeço pelo amor, pela paciência, pelo incentivo e pela parceria incondicional. Sem você, essa jornada teria sido muito mais difícil. Amo vocês.

Às queridas Marianas, minha sincera gratidão. À amiga Mariana Gomes, por ter sido a primeira pessoa a acreditar em minha capacidade para desenvolver este trabalho, por sua amizade constante e por me mostrar o caminho com generosidade. À Mariana Rodrigues, ex-aluna e colega de jornada, foi um privilégio acompanhar sua trajetória e testemunhar sua grandeza. À Mariana Lima, minha psicóloga, agradeço por manter minha mente sã durante todo o processo, por seu acolhimento e papel fundamental em minha caminhada acadêmica e pessoal. Agradeço muito a vocês, queridas Marianas.

À colega Mônica Araújo, por compartilhar comigo essa experiência desafiadora e transformadora que é o mestrado acadêmico, e por toda a ajuda e parceria ao longo do percurso.

Às minhas estimadas colegas de trabalho Aline, Eziela e Cláudia, que me acompanharam durante todo o processo e me deram todo apoio necessário, a vocês minha gratidão.

À minha querida orientadora, Profª Drª Luciana Nogueira, registro minha imensa gratidão pela orientação atenciosa, pelo cuidado, paciência e por acreditar em mim e no meu trabalho. Obrigada por tornar possível a realização deste sonho.

Ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE, agradeço pelas portas abertas e pelo incentivo à produção de conhecimento científico comprometido com a formação humana e social.

A todos que, de alguma forma, estiveram comigo nessa caminhada, meu muito obrigada, de coração.

RESUMO

O consumo de bebidas alcoólicas no Brasil e no mundo mantém-se, há décadas, em níveis preocupantes, especialmente entre adolescentes. Diante desse fato, torna-se essencial compreender os contextos sociais, os fatores de risco e fatores protetivos que influenciam no consumo de álcool por estudantes do Ensino Médio. Este estudo objetivou conhecer os contextos sociais de experimentação e de consumo atual de bebidas alcoólicas entre estudantes. Têm-se como objetivos específicos: conhecer características sociodemográficas e comportamentais relacionadas ao consumo de álcool dos estudantes; identificar a idade, os tipos de bebidas, o local e companhia dos adolescentes no momento de experimentação e no momento atual ao consumir bebidas alcoólicas; relacionar e comparar os contextos sociais para o consumo e os fatores que podem oferecer risco ou proteção aos mesmos. Como método, foi aplicado um questionário a 1.665 estudantes do Ensino Médio de dez escolas de um município paulista. Desses, 675 estudantes responderam já ter experimentado bebidas alcoólicas. Os dados indicaram que a idade de experimentação, em sua maioria, é entre 13 e 15 anos, que essa experimentação ocorre em casa, na presença de pais ou familiares, e que a bebida de entrada é a cerveja. Observou-se também um índice superior de consumo entre o sexo feminino e aos que não se identificam com nenhum dos sexos, em comparação aos alunos do sexo masculino. Além disso, 29,63% dos entrevistados apresentaram comportamento de risco e alto risco para o consumo de álcool. Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas sem companhia, 48,15% indicaram nunca beber sozinho, evidenciando a influência do contexto social no comportamento dos jovens.

Palavras-chave: adolescentes; consumo de álcool; ensino médio; consumo de bebidas alcoólicas.

ABSTRACT

The consumption of alcoholic beverages in Brazil and worldwide has remained at concerning levels for decades, especially among adolescents. Given this fact, it is essential to understand the social contexts, risk factors, and protective factors that influence alcohol consumption among high school students. This study aimed to investigate the social contexts of experimentation and current consumption of alcoholic beverages among students. The specific objectives were: to identify sociodemographic and behavioral characteristics related to students' alcohol use; to determine the age, types of beverages, location, and company during both the first experimentation and current consumption of alcoholic beverages; and to relate and compare the social contexts of consumption with the factors that may represent risks or offer protection. A questionnaire was applied to 1,665 high school students from ten schools in a municipality in the state of São Paulo. Of these, 675 students reported having already consumed with alcoholic beverages. The data showed that the experimentation age was predominantly between 13 and 15 years, usually occurring at home, in the presence of parents or relatives, with beer being the initial beverage. A higher rate of consumption was also observed among female students and those who do not identify with any gender, compared to male students. Furthermore, 29.63% of respondents demonstrated risk and high-risk behavior regarding alcohol use. Regarding solitary consumption, 48.15% reported never drinking alone, highlighting the influence of social context on young people's behavior.

Keywords: adolescents; alcohol consumption; high school; alcoholic beverage use.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Resultados encontrados nas bases de dados pesquisadas com os descritores "álcool AND contexto social", "álcool AND adolescentes" 18

Quadro 2 – Produções científicas sobre o consumo de bebidas alcoólicas no Brasil. 19

Quadro 3 – Estudos sobre as vulnerabilidades dos adolescentes frente ao consumo de álcool. 20

Quadro 4 – Pesquisas que abordam o contexto social e sua relação com o consumo de álcool. 21

Quadro 5 – Produções científicas sobre fatores de risco, fatores de proteção e o consumo de bebidas alcoólicas. 22

Quadro 6 – Estimativa da renda média domiciliar para os estratos do Critério Brasil..... 43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência relativa dos estudantes participantes por escola.....41

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes segundo o período de estudo.....42

Tabela 3 – Distribuição dos estudantes segundo o sexo.....42

Tabela 4 – Distribuição da classe social dos estudantes segundo o Critério Brasil 43

Tabela 5 – Distribuição de estudantes abstêmios e de estudantes que já beberam uma ou mais vezes na vida.....44

Tabela 6 – Distribuição do consumo de bebidas alcoólicas por sexo 50

Tabela 7 – Resultados AUDIT referente a quantidade, frequência e episódios de embriaguez 51

Tabela 8 – Percepção dos sintomas de dependência 53

Tabela 9 – Percepção do uso nocivo de bebidas alcoólicas 54

Tabela 10 – Escore Final AUDIT.....56

Tabela 11 – Primeira experimentação 59

Tabela 12 – Companhia e local da primeira experimentação.....61

Tabela 13 – Companhia durante o consumo de bebidas alcoólicas 64

Tabela 14 – Consumo de bebidas alcoólicas sem companhia.....66

Tabela 15 – Motivos relatados para o consumo de bebidas alcoólicas em situação solitária .67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP - Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa

ApS - Aprendizagem Serviço

AUDIT - Alcohol Use Disorders Identification Test

BDTD - Biblioteca de Teses e Dissertações

CISA - Centro de Informações Sobre Saúde e Álcool

CONAR - Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ERICA - Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes

HIV - Human Immunodeficiency Vírus

IB - Intervenções Breves

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

OMS - Organização Mundial da Saúde

PeNSE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

SNC - Sistema Nervoso Central

SPA - Substâncias Psicoativas

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

VIGITEL - Vigilância de Fatores de Riscos e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 BREVE APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA 12
1.2 A ESCOLHA DO TEMA DESTA PESQUISA 14
1.3 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA 15
2 PESQUISAS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA 16
2.1 O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NO BRASIL 24
2.2 AS VULNERABILIDADES DOS ADOLESCENTES FRENTE AO CONSUMO DE ÁLCOOL 29
2.3 O CONTEXTO SOCIAL E A RELAÇÃO COM O CONSUMO DE ÁLCOOL 31
2.4 FATORES DE RISCO, FATORES PROTETIVOS E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS 34
3 OBJETIVOS 39
4 MÉTODO 40
4.1 *LOCUS* DA PESQUISA 40
4.2 PARTICIPANTES 41
4.3 INSTRUMENTO 45
4.4 QUESTÕES ÉTICAS 47
4.5 PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS 47
4.6 ANÁLISE DOS DADOS 47
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES 49
5.1 RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO AUDIT 49
5.2 CARACTERÍSTICAS DOS CONTEXTOS DE USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE OS ESTUDANTES 58
5.2.1 Contexto da experimentação de bebidas alcoólicas 58
5.2.2 Contexto do uso atual de bebidas alcoólicas 63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 69
REFERÊNCIAS 73
APÊNDICE A - INSTRUMENTO APLICADO PARA O LEVANTAMENTO SOBRE O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS - AUDIT E CONTEXTO SOCIAL PARA O CONSUMO DE ÁLCOOL 83
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE 94
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 96
ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA 98
ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA 103

1 INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho de dissertação inicia-se com a contextualização da trajetória pessoal, acadêmica e profissional da pesquisadora, elemento essencial para compreender as motivações e os vínculos estabelecidos com o objeto de pesquisa. Inicialmente apresenta-se um breve relato autobiográfico que evidencia os percursos formativos e profissionais que influenciaram diretamente a escolha do tema e o comprometimento com a temática da adolescência no contexto escolar. Em seguida, discorre-se sobre a escolha do tema da pesquisa, o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes, abordando os fatores que fundamentaram tal escolha e destacando sua relevância social, educacional e científica. Ao articular vivências pessoais com inquietações profissionais e dados empíricos, este capítulo visa demonstrar a pertinência do estudo e seu potencial contributivo para o campo educacional e para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à juventude.

1.1 BREVE APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Aos meus 40 anos, sendo mulher, mãe, esposa, professora e estudante de pós-graduação, posso considerar que vivenciei muitas alegrias e desafios ao longo de minha vida profissional e pessoal. Hoje, analisando minha trajetória, considero-me bem-aventurada, por tudo que conquistei e pela persistência na busca por minhas realizações. No âmbito profissional, a paixão pela educação sempre esteve presente em minha vida. Atrelada a ela, o interesse pelo novo, pelo saber, pelo conhecimento. Minha primeira graduação no ano de 2006 em Ciências Biológicas despertou em mim uma nova perspectiva sobre os seres vivos, um olhar geral sobre o estudo da vida, sobre a fisiologia e o funcionamento biológico dela, chamando-me a atenção sobretudo para a vida humana e as profilaxias envolvidas nela. Nunca me mantive estagnada no tempo, pois considero que sempre temos algo a aprender. Por este motivo, iniciei minha primeira especialização *lato-sensu* em Educação Ambiental e Sustentabilidade, em que pude relacionar melhor conceitos sobre qualidade de vida com o meio ambiente e perceber mais profundamente a importância da harmonia que deve existir entre o ambiente e a vida que o habita.

Neste inconformismo com a ausência do novo, enquanto já atuava como professora de Ciências e Biologia na rede municipal e estadual de minha cidade, senti a necessidade de compreender melhor o processo de aprendizagem dos alunos, por isso iniciei minha segunda

graduação, agora em Pedagogia. Ao mesmo tempo, consegui realizar mais uma especialização *lato-sensu* em Supervisão e Mediação Escolar, além dos cursos de formação realizados ao longo do percurso de minha vida acadêmica. Em 2021, após contato com minha estimada orientadora, a Profª. Drª. Luciana Aparecida Nogueira Cruz, ingressei em um grupo de estudos, coordenado por ela, sobre Aprendizagem Serviço (ApS) na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), que me proporcionou conhecer uma nova metodologia de ensino, uma capaz de gerar reflexos sociais positivos, partindo de hipóteses que refletem nas melhorias do meio no qual o sujeito está inserido.

Agora, sob uma nova perspectiva em relação a aprendizagem, organização e funcionamento do processo educacional como um todo, surge em 2022, período pós-pandêmico, a oportunidade de atuar como gestora em uma escola de Ensino Fundamental II, que atende cerca de 800 crianças e adolescentes. Pude compreender e replicar o que a Aprendizagem Serviço (ApS) mostrou-me: o princípio de fazer o bem ao próximo e à comunidade pode ser realizado de maneira muito mais profunda e significativa para quem o pratica, seja através da aprendizagem formal ou não formal, onde ocorre a tomada de consciência para um conhecimento mais significativo.

O estudo realizado resultou, no fim de 2022, em um curso de extensão oferecido à comunidade geral e acadêmica, intitulado "Fundamentos Teóricos e Práticos da Pedagogia de Aprendizagem Serviço", em que tive a oportunidade ímpar de participar ministrando um dos módulos. Isso foi um novo desafio para minha carreira acadêmica, que me proporcionou mais amadurecimento e autoconfiança. Estes estímulos me mostraram que o desejo do almejado mestrado acadêmico poderia se tornar realidade. O desejo então se transformou em objetivo para minha vida profissional e pessoal e, no ano seguinte, o ingresso no Programa de Pós-graduação em Ensino e Processos Formativos tornou-se realidade. Hoje considero-me privilegiada por ter mais um sonho tornando-se realidade.

Em minhas memórias, no percurso trilhado como professora e gestora escolar, percebo que meu olhar sempre esteve voltado para os adolescentes. Sempre acreditei na importância da escola como lugar de segurança e orientação para alunos e alunas, e é por este motivo que continuo a acreditar que todo agente educador pode fazer a diferença na vida de nossos jovens.

1.2 A ESCOLHA DO TEMA DESTA PESQUISA

Em 2021, ao participar do grupo de estudos sobre Aprendizagem Serviço (ApS), foi possível conhecer pesquisas sobre as vulnerabilidades da adolescência, inclusive sobre o tema desta pesquisa – consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes do ensino médio. Desse modo, realizar uma pesquisa que busca investigar os contextos sociais do consumo de álcool e os fatores que podem oferecer maior risco ou maior proteção aos adolescentes e jovens traz-me esperança de que meu trabalho, baseado em fatos e análises científicas, possa contribuir para construção ou reconstrução de políticas públicas efetivas voltadas para o tema. Através da compreensão dos fatores de risco e proteção que proporcionam o favorecimento ou a inibição do consumo de álcool entre adolescentes e jovens em idade escolar, bem como qual o papel da escola enquanto local de acolhimento e convívio social, favorecendo por meio dela a tomada de consciência pelos adolescentes e jovens em idade escolar, espero tornar-me multiplicadora em torno do tema discutido neste trabalho.

Dados recentes reforçam a relevância do tema. O Panorama 2024, publicado pelo Centro de Informações Sobre Saúde e Álcool (CISA), aponta que, embora os índices de consumo de álcool venham apresentando queda nos últimos anos no Brasil, eles ainda permanecem elevados quando comparados aos padrões globais, sobretudo no contexto pós-pandêmico. Corroborando essa preocupação, o Relatório Global sobre Álcool e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024) classifica o uso de álcool, tabaco e outras substâncias como “inaceitavelmente alto por qualquer métrica”, com impactos significativos sobre a saúde mental e o desenvolvimento de doenças crônicas.

No Brasil, o I Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Laranjeira, 2007) já havia apontado que a média de idade para a experimentação de bebidas alcoólicas situa-se entre os 10 e 12 anos. Estudos que evidenciam os padrões ou as tendências do consumo de álcool nos diferentes grupos de populações são relevantes para auxiliar na compreensão e identificação dos problemas através do uso excessivo de bebidas alcoólicas, assim como fornecer medidas norteadoras para o desenvolvimento de políticas públicas eficientes no enfrentamento desta problemática (Jomar; Abreu; Griep, 2014a).

1.3 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta dissertação está organizada em seis seções.

A *primeira seção*, intitulada Introdução, apresenta um breve relato do percurso profissional da pesquisadora, contextualizando a escolha do tema de pesquisa e destacando sua relevância social e acadêmica. Além disso, descreve-se a estrutura organizacional da presente dissertação.

Na *segunda seção*, é apresentada a pesquisa sobre o consumo de álcool na adolescência através de um levantamento bibliográfico, composto por uma análise de teses, dissertações e artigos científicos obtidos em plataformas eletrônicas de bases de dados acadêmicos. Nessa etapa, busca-se discutir a relação entre adolescência e consumo de álcool no Brasil, abordando as vulnerabilidades dos adolescentes relativas ao uso de bebidas alcoólicas, o contexto social em que esse consumo ocorre e os fatores de risco e de proteção envolvidos.

A *terceira seção* contempla a apresentação dos objetivos da pesquisa, tanto o objetivo geral quanto os específicos, que nortearam a condução deste estudo.

A *quarta seção* descreve detalhadamente os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, incluindo a caracterização da população, os instrumentos utilizados e os métodos de análise dos dados.

Na *quinta seção* são apresentados e discutidos os resultados preliminares obtidos, os quais embasaram a versão submetida para defesa.

Por fim, a *sexta seção* apresenta as considerações finais, nas quais são sintetizadas as principais conclusões do estudo, apontadas as limitações da pesquisa e sugeridas possibilidades para futuros trabalhos relacionados ao tema.

2 PESQUISAS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando como marco temporal a publicação do I Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Laranjeira, 2007). As pesquisas foram realizadas em bases eletrônicas de bibliotecas virtuais: Portal Capes, Repositório Institucional da Fiocruz - Arca, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Biblioteca Virtual da Unesp - Athena. Os descritores utilizados foram "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes". As buscas alcançaram 6.815 títulos, os quais foram lidos e dos quais selecionados os mais pertinentes ao tema desta pesquisa. Na etapa seguinte, realizou-se a leitura dos resumos, permitindo um refinamento das escolhas. Por fim, a partir de uma leitura criteriosa das publicações selecionadas, definiu-se um *corpus* de 36 textos, que, juntamente com as contribuições de Martins e Cruz (2015), serviram como referencial teórico para fundamentar as discussões e análises realizadas ao longo deste estudo.

Foi realizada a análise das publicações selecionadas no levantamento bibliográfico, caracterizada pelo mapeamento de fontes e pela seleção de informações pertinentes ao tema (Severino, 2016). A busca das publicações foi feita acionando o VPN da Unesp no computador da pesquisadora para possibilitar o acesso aos conteúdos assinados pela Unesp nas bases eletrônicas de busca. As buscas foram realizadas no Portal Capes, no Repositório Institucional da Fiocruz - Arca, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Biblioteca Virtual da Unesp - Athena, por serem bibliotecas virtuais que possibilitam buscas amplas de bases indexadas.

Os critérios de inclusão adotados foram pesquisas cujo objetivo fosse a relação entre o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes, o contexto social para o consumo de álcool, os fatores de risco e fatores protetivos e as vulnerabilidades dos adolescentes. Foram utilizados os descritores: "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes". Utilizaram-se descritores em português, nos buscadores que permitiram este filtro. O recorte temporal foi marcado a partir do I Levantamento Nacional de Álcool e Drogas por Laranjeira, 2006 até o ano de 2024. A escolha do período para realizar a revisão bibliográfica, entre 2006 e 2024, teve o intuito de verificar o que foi publicado no Brasil sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes e jovens após essa publicação.

O levantamento bibliográfico com a finalidade de abranger pesquisas sobre o tema foi realizado nos meses de fevereiro, março e abril de 2025.

Na base de dados do Repositório Institucional da Fiocruz, utilizando: *Buscar em todo Arca*; empregando os descritores "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes",

foram encontrados um total de 4.952 resultados. Após a leitura dos títulos para uma primeira seleção de documentos publicados no ínterim 2006 a 2024, chegamos ao número de 256 artigos dos quais foram realizadas as leituras dos resumos. Destes, 07 documentos foram selecionados por terem maior proximidade com os objetivos desta pesquisa após a "leitura flutuante do *corpu*s da análise para a identificação dos textos" (Morosini; Fernandes, 2014, p. 156).

Por sua vez, na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando a *Busca Avançada* com o recorte temporal de 2006 a 2024 e os descritores "álcool AND contexto social", "álcool AND adolescentes", e configurando a opção *Todos os Campos*, foram encontrados 61 resultados. Para esta pesquisa, após leitura dos títulos e resumos, 07 arquivos foram selecionados.

Já no Portal Capes, utilizando Escopo da busca: *Buscar Tudo*; *Qualquer Campo*; *Contém*: "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes"; *Tipo de Material:* todos os tipos; *Palavra -Chave:* "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes"; *Acesso Aberto*; *Ano de Criação:* 2006 a 2024; *Publicações Revisadas por Pares*; nos *Idiomas* Português, Inglês e Espanhol, foram encontrados 487 resultados. Todos foram lidos de título e resumo, dos quais 11 foram selecionados para análise.

Por último, no Repositório Institucional Unesp, utilizando os buscadores "álcool AND contexto social" e "álcool AND adolescentes"; *Todo o Repositório* com o recorte temporal de 2006 a 2024, foram encontrados 1.315 resultados. Após a leitura dos títulos para uma pré-seleção, 80 arquivos tiveram os resumos selecionados para apreciação e, por estarem relacionados à pesquisa, 11 arquivos foram escolhidos por fim.

Em síntese, a busca nas bases de dados gerou o resultado de 4.952 publicações na plataforma da Fiocruz, 61 na BDTD, 487 no Portal Capes e 1.315 no Repositório Institucional da Unesp. Após a leitura integral dos títulos, foram selecionados 884 teses, dissertações e artigos que, segundo o juízo da pesquisadora, apresentavam alguma relação temática com o objeto deste estudo. Em uma segunda etapa, procedeu-se à leitura detalhada dos resumos, o que possibilitou a identificação das publicações com maior pertinência e proximidade ao foco da pesquisa. A síntese quantitativa desse processo de seleção encontra-se organizada no quadro a seguir.

Quadro 1 – Resultados encontrados nas bases de dados pesquisadas com os descritores "álcool AND contexto social", "álcool AND adolescentes"

Base de dados	Quantidade de resultados apresentados	Quantidade de resultados selecionados
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	4.952	07
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	61	07
Portal de Periódicos da Capes	487	11
Repositório Institucional Unesp	1.315	11

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Os artigos, dissertações e teses selecionados foram organizados em categorias temáticas, conforme sua abordagem central, e estão descritos a seguir. No eixo temático **"Consumo de bebidas alcoólicas no Brasil"**, foram identificados e selecionados 08 documentos. Quanto ao tema **"Vulnerabilidades dos adolescentes frente ao consumo de álcool"**, 06 textos foram considerados relevantes. No que se refere ao **"Contexto social e a relação consumo de álcool"**, 08 publicações foram selecionadas. Por fim, no grupo **"Fatores de risco, fatores protetivos e o consumo de bebidas alcoólicas"**, foram incluídos 14 textos. Todos esses materiais servirão de base para as discussões e análises que serão desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

Os trabalhos selecionados estão organizados em quadros, de acordo com as categorias temáticas previamente descritas nesta pesquisa.

Quadro 2 – Produções científicas sobre o consumo de bebidas alcoólicas no Brasil.

Tema: O Consumo de bebidas alcoólicas no Brasil			
Base de dados	**Título da tese/ dissertação/ artigo**	**Tipo de documento**	**Autores e data da publicação**
Portal de Periódicos da Capes	Apreciação de propagandas de cerveja por adolescentes: relações com a exposição prévia às mesmas e o consumo de álcool	Artigo	Vendrame, Alan; *et al*. 2009 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W1969272201
Repositório Institucional Unesp	Expectativas sobre os efeitos do uso de álcool e padrão de beber em alunos do ensino médio.	Artigo	Martins, Raul Aragão; *et al*. 2010 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/eefa3422-2640-49dd-befe-98c67cd96461
Portal de Periódicos da Capes	Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes	Artigo	Faria, Roberta; et al. 2011 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2168024675
Repositório Institucional Unesp	Uso arriscado de álcool entre escolares de duas cidades do interior do estado de São Paulo	Artigo	Silva, Adilson Gonçalves da; Gimeniz-Paschoal; Sandra Regina. 2012 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/4ff32a53-5e6a-4f92-8098-0f37b87a5f9c
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	Padrões de consumo de álcool e fatores associados entre adultos usuários de serviço de atenção básica do Rio de Janeiro	Artigo	Jomar, Rafael Tavares; Abreu, Ângela Maria Mendes; Griep, Rosane Harter. 2014a https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10314
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Fatores associados ao consumo do álcool por adolescentes brasileiros: análise multinível	Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)	Gabira, Fernanda Garcia. 2019 https://repositorio.ufes.br/items/e540493d-c433-4429-8329-3e33322cb6ff
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	Copo meio vazio: aumento no consumo de bebidas durante a pandemia desperta preocupação quanto aos efeitos colaterais.	Artigo	Tiburtino, Glauber. 2020. https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/alcool/o-copo-meio-vazio/
Repositório Institucional Unesp	Levantamento sobre o consumo de álcool e outras drogas entre estudantes do Ensino Médio de São José do Rio Preto - São Paulo	Dissertação (Mestrado em Ensino e Processo Formativo)	Rodrigues, Mariana Camerão. 2024 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b0bfa38d-59a8-415f-9183-764aacc43d79

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Quadro 3 – Estudos sobre as vulnerabilidades dos adolescentes frente ao consumo de álcool.

Tema: As vulnerabilidades dos adolescentes frente ao consumo de álcool			
Base de dados	**Título da tese/ dissertação/artigo**	**Tipo de documento**	**Autores e data da publicação**
Portal de Periódicos da Capes	Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto	Artigo	Dallo, Luana; Martins, Raul Aragão. 2011 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/08226757-e51f-42a6-85cc-94f601dd970a
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Consumo de álcool entre adolescentes escolares quilombolas e fatores associados	Dissertação (Mestrado em concentração: Gênero, Cuidado e Administração em Saúde)	Villa, Louise Lisboa de Oliveira. 2017 https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23691/1/louise_lisboa_de_oliveira_villa.pdf
Portal de Periódicos da Capes	Álcool e relações de gênero: motivações e vulnerabilidades na percepção de adolescentes	Artigo	Santos, Elaine Lucas dos; Opaleye,Emérita Sátiro; Noto, Ana Regina. 2018 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2899419740
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência: Como se relacionam com o álcool?	Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)	Podolano, Andreia Arend. 2019 https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9132
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	Vulnerabilidades e fatores associados em adolescentes escolares.	Artigo	Sousa, Francisco Das Chagas Araújo; *et al*. 2020 https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43200
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Impulsividade, uso de álcool e outras drogas em adolescentes brasileiros e equatorianos	Dissertação (Mestrado em Psicologia)	Andrade, Filipe Reis Teodoro. 2023 https://lume.ufrgs.br/handle/10183/262608

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Quadro 4 – Pesquisas que abordam o contexto social e sua relação com o consumo de álcool.

Tema: O contexto social e a relação com o consumo de álcool.			
Base de dados	**Título da tese/ dissertação/ artigo**	**Tipo de documento**	**Autores e data da publicação**
Repositório Institucional Unesp	Bebidas alcoólicas na adolescência: relação entre uso e domínios sociais	Tese (Doutorado em Educação)	Mezzaroba, Solange Maria Beggiato. 2006 https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/91112a0b-94ab-405f-a1ff-70d993e089de/content
Portal de Periódicos da Capes	Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes	Artigo	Moreno, Rafael Souza; Ventura, Renato; Brêtas, José Roberto S. 2009 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2132979905
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	Modos de vida e modos de beber de jovens indígenas em um contexto de transformações.	Artigo	Souza, Maximiliano L. P. de; Deslandes, Suely Ferreira; Garnelo, Luiza. 2010 https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1733
Repositório Institucional Unesp	O uso de bebida alcoólica por escolares	Artigo	Silva, Adilson G. da; Gimeniz-Paschoal, Sandra Regina; Martins, Raul Aragão. 2011 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9f10b268-b632-452f-923c-3212fa720568
Repositório Institucional Unesp	Desenvolvimento cognitivo e sintomas depressivos em adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas	Artigo	Teixeira, Patrícia Santos; *et al.* 2011 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/13524671-a6d4-4f95-9c99-b0e863fe0c7c
Portal de Periódicos da Capes	Consumo de álcool em binge por adolescentes escolares de 12 anos de idade e sua associação com sexo, condição socioeconômica e consumo de álcool por melhores amigos e familiares	Artigo	Paiva, Paula Cristina Pelli, *et al*. 2015 https://www.scielo.br/j/csc/a/ZFDm7NSZnxshrspNjrPNBYG/
Portal de Periódicos da Capes	Supervisão dos pais e o consumo de álcool por adolescentes brasileiros: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015	Artigo	Machado, Ísis Eloah, *et al*. 2018 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2902069706
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Características individuais e contextuais associadas ao uso de álcool entre escolares brasileiros: um estudo de base escolar	Dissertação (Mestrado em Ciências da saúde)	Arruda, Patrycia Sarah Martins. 2020 https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31588/3/CaracteristicasIndividuaisContextuais.pdf

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Quadro 5 – Produções científicas sobre fatores de risco, fatores de proteção e o consumo de bebidas alcoólicas.

Tema: Fatores de risco, fatores protetivos e o consumo de bebidas alcoólicas			
Base de dados	**Título da tese/ dissertação/ artigo**	**Tipo de documento**	**Autores e data da publicação**
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Associação entre impulsividade, idade do primeiro consumo de álcool e abuso de substâncias psicoativas em adolescentes de uma região do sul do Brasil	Dissertação (Mestrado em Psiquiatria)	Diemen, Lisia Von. 2006 https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10073
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	Perfil epidemiológico do consumo de álcool e fatores relacionados em estudantes universitários das ciências da saúde de Maceió.	Dissertação (Mestrado em Epidemiologia em Saúde Pública)	Pedrosa, Adriano Antonio Da Silva. 2009 https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2318
Portal de Periódicos da Capes	Consumo de álcool entre estudantes de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil	Artigo	Gomes, Betânia da Mata Ribeiro; Alves, João Guilherme Bezerra; Nascimento, Lucila Castanheira. 2010 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2136176723
Repositório Institucional Unesp	Análise espacial do consumo de álcool em Araraquara - SP	Tese (Doutorado Alimentos e Nutrição)	Sanches, Priscila Milene Angelo. 2010 https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/ba355181-4062-4033-901b-b2fba01fc6ac/content
Repositório Institucional Unesp	As implicações do curso de formação continuada sobre consumo de álcool: uma proposta de intervenção breve aplicada por professores.	Tese (Doutorado em Educação)	Cruz, Luciana Aparecida Nogueira da. 2011 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/1c5a8afc-acd7-4936-bb24-d1ae4a90174a
Repositório Institucional Unesp	Uso de álcool em estudantes do município de Botucatu SP: prevalência e fatores de risco	Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)	Pereira, Priscila Lopes. 2011 https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/3bdc0cf5-fcb8-4e05-8afe-c45c2cf2a4f1/content
Repositório Institucional Unesp	Condutas de risco em jovens mulheres: álcool e sexo não seguro, temas necessários na formação de professores	Artigo	Donati, Fabiana Augusta; *et al.* 2012 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/0a03190d-1bb4-4dbb-ab4d-cb30119a90e1

Quadro 5 – Produções científicas sobre fatores de risco, fontes de proteção e o consumos de bebidas alcoólicas (Continuação)			
Base de dados	**Título da tese/ dissertação/ artigo**	**Tipo de documento**	**Autores e data da publicação**
Portal de Periódicos da Capes	Relação de percepção de risco e consumo de álcool por adolescentes	Artigo	Ruíz, Martha Dalila Méndez; *et. al* 2015 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2263914413
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	A abstração do risco e a concretude dos sujeitos: uma reflexão sobre os comportamentos de risco no contexto da adolescência.	Artigo	Chimeli, I. V. *et al*. 2016 https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16169
Repositório Institucional Unesp	A avaliação da efetividade de um modelo de intervenção breve (método BASICS) para o uso de risco de álcool em estudantes do ensino médio.	Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)	Faria, Maria Luisa Vichi de Campos. 2016 https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cb67396d-578d-418e-9f38-d76cfb45aed0
Portal de Periódicos da Capes	Avaliação do consumo de álcool entre adolescentes e os problemas associados	Artigo	Nadaleti, Nayara Pires; *et al.* 2018 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2923233611
Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA	A redução do consumo de álcool entre trabalhadores utilizando a intervenção breve.	Artigo	Brites, Riany Moura Rocha; Abreu, Angela Maria Mendes; Portela, Luciana Fernandes. 2019 https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/36135
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Efeito de oficinas de educação e saúde no consumo de substâncias psicoativas por adolescentes	Tese (Doutorado em enfermagem)	Silva, Ana Luzia Medeiros Araújo da. 2019 https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36071/1/TESE%20Ana%20Luzia%20Medeiros%20Ara%c3%bajo%20da%20Silva.pdf
Portal de Periódicos da Capes	Comportamentos aditivos com e sem substância em adolescentes: relação com a idade e o sexo.	Artigo	Teixeira, Cristina *et al*. 2022 https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4327524278

Fonte: elaborado pela autora (2025).

2.1 O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NO BRASIL

O consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes tem sido uma preocupação recorrente entre educadores, profissionais da saúde e formuladores de políticas públicas, especialmente quando se trata de estudantes do Ensino Médio. No Brasil, pesquisas indicam que uma parcela significativa desses jovens inicia o uso de álcool ainda durante a adolescência, muitas vezes em contextos sociais, culturais ou mesmo familiares que naturalizam essa prática (IBGE, 2021; Brasil, 2019).

Dados recentes do Panorama 2024, publicado pelo Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), com base em levantamento realizado em 2023 pelo Ministério da Saúde por meio do sistema Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), indicam um aumento significativo na prevalência do consumo de álcool na população brasileira, que passou de 18,1% em 2010 para 20,8% em 2023 (CISA, 2024). Esse dado sinaliza uma tendência preocupante, inclusive entre os jovens, no padrão de uso abusivo da substância.

Nesta seção, analisa-se o consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes, com ênfase nos dispositivos legais que regulamentam o uso de álcool no Brasil, especialmente aqueles voltados à proteção de crianças e adolescentes. Além disso, discute-se a atuação das estratégias publicitárias empregadas pelas indústrias de bebidas alcoólicas, as quais frequentemente veiculam campanhas que romantizam e naturalizam o consumo precoce da substância. Tais práticas contribuem para a construção de uma cultura permissiva, na qual o acesso e o uso do álcool por adolescentes são minimizados ou ignorados, a despeito das normativas legais vigentes e dos riscos associados ao desenvolvimento físico, cognitivo e social dos jovens.

Ao se analisarem os dados em uma perspectiva comparativa internacional, considerando o consumo *per capita* de álcool puro (em litros) entre indivíduos com 15 anos ou mais, observa-se que o Brasil, apesar de apresentar uma leve redução nos índices ao longo dos anos, ainda mantém níveis superiores à média global. Segundo o Panorama 2024 do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), em 2010 o consumo *per capita* no Brasil era de 8,6 litros/ano, enquanto a média global era de 5,7 litros/ano. Em 2019, o índice brasileiro foi de 7,7 litros/ano, enquanto a média global apresentou ligeira queda, atingindo 5,5 litros/ano. Esses dados revelam a persistência de um cenário alarmante no país, sobretudo quando contextualizado por faixas de renda *per capita*, demonstrando a necessidade de políticas públicas eficazes de prevenção e conscientização quanto ao uso de bebidas alcoólicas.

No ano de 2007, o I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira aponta que os índices de faixa etária para o consumo de álcool estão cada vez mais precoces, partindo dos 12 anos de idade, indicando que a preconização do consumo de álcool pelos adolescentes e jovens trazem consigo sérios problemas no âmbito escolar, social ou familiar (Laranjeira, 2007).

Cruz, Rodrigues e Seles (2024) analisaram denúncias registradas no Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (Conar) sobre propagandas de bebidas alcoólicas entre 2015 e 2020, evidenciando a crescente diversificação de produtos voltada a atrair o público jovem. As campanhas publicitárias exploram de forma estratégica mensagens que associam o consumo de álcool a estilos de vida desejáveis, sociabilidade, diversão e vínculos afetivos, fatores que reforçam a propensão ao consumo precoce e contínuo entre adolescentes, ampliando a vulnerabilidade desse grupo diante de comportamentos de risco (Diemen, 2006; Pedrosa, 2009; Cruz; Rodrigues; Seles, 2024).

Entre os anos analisados, o Conar recebeu 98 denúncias, que resultaram em 123 decisões, incluindo alterações, manutenção, advertência ou arquivamento dos casos, conforme estabelece a Resolução nº 01/08, Anexo A. Esses dados demonstram não apenas a exposição recorrente dos jovens a estratégias persuasivas da publicidade de bebidas alcoólicas, mas também a importância da regulação como instrumento de proteção. Ao considerar o contexto social e recreativo em que os adolescentes se inserem, observa-se a associação do álcool a lazer, festas e convívio social, o que potencializa os fatores de risco e enfraquece os fatores protetivos, tornando essencial a atuação conjunta de escolas, famílias e políticas públicas preventivas, que promovam habilidades de resistência e reflexão crítica diante de mensagens persuasivas, contribuindo para a redução da iniciação e do consumo de álcool nessa faixa etária (Gomes *et al.*, 2010; Pereira, 2011; Donati *et al.*, 2012; Vieira, 2013; Cruz; Rodrigues; Seles, 2024).

As estratégias de publicidade estão entre os fatores que mais influenciam o consumo positivo ou a intenção de consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens. Segundo os autores, “quanto mais o indivíduo lembra e gosta da propaganda, maior será a chance de que consuma álcool no futuro” (Vendrame *et al.*, 2009, p. 359). A pesquisa apontou que 82,7% dos estudantes entrevistados relataram já ter experimentado bebidas alcoólicas e 79% dos estudantes entrevistados afirmaram a exposição a propagandas de bebidas alcoólicas, apontando que “quanto mais os adolescentes gostam da propaganda de álcool maior é a probabilidade que estes consumam” (Vendrame *et al.*, 2009, p. 363). A pesquisa de Faria *et al*. (2011) vai ao encontro dos apontamentos realizados por Vendrame *et al*. (2009), visto que, além da associação das propagandas ao consumo de álcool, nestes estudos, especificamente a cerveja é confirmada por

alguns aspectos apresentados nas propagandas como: “similaridade percebida entre a propaganda e suas vidas, atenção prestadas aos comerciais, crença de que eles falam a verdade, e a promoção da fidelidade à marca” (Faria *et al*., 2011, p. 445). Além da influência indireta das propagandas, os pares também influenciam em ações de comportamentos favoráveis ao consumo de álcool (Silva; Gimeniz-Paschoal, 2012).

Bem, Delduque e Silva (2016) trazem a problemática do uso de drogas, álcool e tabaco com o olhar de políticas públicas. O estudo realizado por eles demonstra que a temática é tratada como problema de saúde pública, tendo várias indicações de Leis, Projetos de Leis, Propostas de Emenda à Constituição e Medida Provisória e sendo a matéria que mais recebeu propostas entre os anos de 2011 e 2014. Os autores descrevem que a legislação específica referente a propagandas, Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que regula e impõe limites a divulgação de bebidas com mais de 13º GL (gay-lussac), exclui de sua abrangência qualquer fiscalização de bebidas com graduação de teor alcoólico abaixo de 13º GL (gay-lussac), por exemplo, a cerveja, que representa 61% do consumo no país, e o vinho, que representa 25% do consumo. Apontam ainda que o poder legislativo tenta regulamentar o fortalecimento nas legislações no sentido de educação ao consumo de bebidas alcoólicas, porém não há leis que assumam a posição de enfrentamento quanto às campanhas publicitárias da indústria de bebidas, que possam levar a redução do consumo de bebidas alcoólicas, limitando-se a rótulos ou embalagens com advertências sobre o consumo excessivo.

A Lei nº 14.592, de 19 de outubro de 2011, do Estado de São Paulo, em seu artigo 1º, reza o seguinte: “Proíbe vender, ofertar, fornecer, entregar e permitir o consumo de bebida alcoólica, ainda que gratuitamente, aos menores de 18 (dezoito) anos de idade”. Anteriormente a esta lei, a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos já era proibida, porém não trazia responsabilização aos proprietários dos estabelecimentos que vendiam bebidas alcoólicas. Nos últimos anos, as legislações foram adequando-se para além da proibição e responsabilização da venda de bebidas alcoólicas com a criação de leis e políticas públicas que garantam o fomento ao combate do consumo de álcool. Com a ideia de conscientização, a Lei nº 15.852, de 02 de julho de 2015, cria o Fundo Estadual de Combate ao Consumo de Bebidas Alcoólicas por Jovens e Adolescentes, fundo esse que garante a reserva de orçamento, vinculado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, para fins de campanhas de conscientização dos perigos do consumo de bebidas alcoólicas. Além disso, o Brasil conta com um plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas e agravos não transmissíveis. A ideia do plano é apresentar diretrizes que tracem estratégias para o combate dos fatores de risco associados a doenças cardiovasculares, diabetes, cânceres e doenças

crônicas, diretamente relacionadas ao tabagismo, ao uso de drogas e ao consumo de álcool (Brasil, 2021).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.096 de 13 de julho de 1990, no artigo 243 é crime "vender, servir, ministrar ou entregar bebida alcoólica para crianças e adolescentes", mas, na prática, não é bem isso que encontramos. Embora existam várias legislações e campanhas de conscientização sobre o consumo nocivo de álcool, é comum presenciarmos adolescentes consumindo bebidas alcoólicas, com fácil acesso a elas. Não é raro observarmos, em confraternizações ou momentos de interações, adolescentes usando de bebidas alcoólicas, o que justifica a relevância deste trabalho, para melhor compreensão dos fatores relacionados ao consumo ou à abstinência do álcool. E quando alçamos nosso olhar para além das fronteiras de nosso país, deparamo-nos com um novo relatório emitido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o consumo de álcool, saúde e tratamentos de transtornos por uso de substâncias. Esse relatório aponta que em, 2019, cerca de 2,6 milhões de mortes estão associadas ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Sob estes aspectos, a escola deve ser compreendida como um espaço privilegiado de informação, formação e proteção de adolescentes e jovens. Trata-se de um ambiente social que, para além da troca de conhecimentos, favorece o convívio, a construção de vínculos de confiança e afetividade, bem como a promoção de reflexões e debates críticos sobre comportamentos sociais e valores morais. Nesse sentido, a instituição escolar assume um papel central na formação integral do sujeito, articulando dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Ademais, a escola apresenta-se como um espaço estratégico para o desenvolvimento de ações voltadas à saúde e à proteção dos adolescentes, podendo contribuir de forma direta e efetiva para o fortalecimento de fatores protetivos frente às situações de vulnerabilidade. Para que isso ocorra, é importante que os professores, além da equipe escolar, estejam formados para tratar e abordar assuntos relacionados à proteção e saúde (Cruz; Martins; Silva, 2022). Ao analisar 591 alunos de uma escola pública, Martins e colaboradores (2010) buscaram relacionar o padrão de consumo do álcool e as expectativas relacionadas ao efeito desta substância e apontaram que quanto maior as expectativas, maior o consumo; e quanto menor as expectativas, menor o consumo; esse resultado reforça assim a importância da escola e da equipe escolar em relação à orientação sobre os efeitos do álcool em adolescentes.

Silva, Gimenez-Paschoal (2012) investigaram o uso arriscado de bebidas alcoólicas por estudantes em duas cidades do interior do estado de São Paulo, uma com 5.000 habitantes e outra com 35.000 habitantes. Ao final do estudo, observou-se que a cidade com a quantidade menor de habitantes é mais vulnerável para o consumo de álcool, pois nela uma maior

quantidade de estudantes respondeu positivamente para o consumo (41,7%), enquanto, na cidade com maior número de habitantes, esse percentual representou 11,1%. O estudo sugere novas pesquisas com variáveis ainda não pesquisadas para compreender melhor a influência do consumo de álcool por estes jovens, acreditando que tais variáveis possam representar fatores de risco ou proteção em relação ao consumo de bebidas alcoólicas.

O consumo excessivo de bebidas alcoólicas é considerado uma questão de saúde pública no Brasil, principalmente quando consumido por adolescentes. Nosso país é um dos maiores consumidores de álcool no mundo, e o consumo entre adolescentes e jovens em idade escolar vem aumentando a cada ano. Vários fatores podem estar associados a tal aumento, como a banalização do consumo ou a aceitação de famílias ao consumo de bebida por adolescentes por não considerarem o álcool uma droga (Laranjeira *et al*. 2007). A identificação e o rastreamento dos padrões de consumo são importantes, visto que a maioria das pessoas que fazem o uso excessivo de álcool não é identificada até que elas apresentem problemas de saúde decorrentes do consumo (Jomar; Abreu; Griep, 2014a). Para Tiburtino (2020), fatores psicológicos ou associação a traumas, fuga da realidade, bem como o beber social, também eles contribuem para o consumo excessivo de álcool.

Os transtornos considerados como de sofrimento psíquico, com características de ansiedade e sintomas depressivos apresentados em adolescentes, associados ao consumo de álcool, são preocupantes, visto o álcool ser tido como uma droga depressora do Sistema Nervoso Central (SNC), causando oscilações e prejuízo no seu desenvolvimento (Martins; Ribeiro, Cruz. 2019).

Utilizando dados do Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes - ERICA, Gabira (2019) realizou uma investigação dos fatores associados ao consumo de álcool na adolescência segundo as características sociodemográficas e geográficas. O estudo utilizado como referência para a autora realizou um levantamento com 71.695 adolescentes das Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Distrito Federal. Verificou-se que 15.611 estudantes são consumidores de bebidas alcoólicas, com predominância da região Sul. O estudo mostrou ainda maior risco de consumo para estudantes da raça-cor negra/preta, adolescentes que moram somente com o pai, pertencentes a classes média ou alta, matriculados no turno vespertino e escolas de regiões rurais.

Ao tomarmos os dados sobre o consumo de álcool para a Região Noroeste do estado de São Paulo, encontramos, na pesquisa realizada por Rodrigues (2024), que, em um município específico da região com 442.548 habitantes, dos 1.665 estudantes participantes da pesquisa, 675 responderam positivamente para o consumo de álcool, correspondendo a 40,5% dos

entrevistados, no qual se enquadram o consumo de álcool de baixo risco, de risco, beber de alto risco e de possível dependência.

2.2 AS VULNERABILIDADES DOS ADOLESCENTES FRENTE AO CONSUMO DE ÁLCOOL

O conceito de vulnerabilidade surgiu na década de 1980, durante a epidemia do vírus *Human Immunodeficiency Vírus* (HIV), com a possibilidade de exposição dos seres humanos à contaminação pelo vírus HIV. No entanto, com o avanço dos estudos sobre a temática, o termo "vulnerabilidade" passou a incorporar diferentes dimensões sociais, atribuindo-se a ela um caráter relacional e contextual. O termo também recebeu diversos contextos sociais, logo a população mais suscetível à contaminação seria evidenciada com o referencial do local onde habitam, ao conjunto social a que pertencem, passando a dar o sentido de algo social para o termo "Vulnerabilidade" (Ayres *et. al*., 2003). Posteriormente, a vulnerabilidade associou-se ao conceito de "*minorias*", referindo-se a populações em situação de exclusão e desvantagem, com menor acesso a direitos e oportunidades, quando comparadas a outros grupos (Scott *et al*., 2018). Contudo, na presente pesquisa, o conceito de vulnerabilidade está associado aos comportamentos do adolescente que expõe sua saúde física e/ou psíquica ou mesmo sua vida em risco.

A adolescência é um período de processo existencial, em que o indivíduo passa por mudanças biológicas, psicológicas e sociais e que precisa lidar com desequilíbrios e instabilidades extremas, mudanças no humor, no corpo, na imagem e na personalidade. É nessa fase que a pessoa precisa lidar com o rompimento da infância, com a rompimento da perda da identidade infantil, e conseguir lidar com um período em que a independência ainda está sendo construída enquanto a dependência se faz presente, para que uma nova personalidade possa surgir, todo este processo torna a adolescência um período de vulnerabilidades (Martins; Cruz, 2015). Para os autores, a vulnerabilidade diz respeito a determinadas condições ou circunstâncias. Esse conceito está relacionado à capacidade do indivíduo ou grupo social em "prevenir, de resistir e contornar possíveis danos", quando o indivíduo ou o grupo social não consegue ou não pode, por alguma razão, aplicar essas capacidades quando estão em situações de risco, estes são considerados vulneráveis (Martins; Cruz, 2015, p. 106).

Villa (2017) vai ao encontro da ideia proposta por Martins e Cruz (2015) ao ressaltar que, no período da adolescência, além dos fatores já mencionados, está inserida também a necessidade de integração com os pares, vez que os adolescentes buscam se integrar e ter a

sensação de pertencimento, com atitudes à guisa de provas de pertencimento ao ambiente em que está inserido.

A vulnerabilidade dos adolescentes deve ser compreendida como a "chance de exposição das pessoas ao adoecimento" (Sousa *et al*., 2020, p. 35442). Tal perspectiva exige atenção especial à importância da orientação e do direcionamento das famílias nas relações com os adolescentes. Segundo os autores, a ausência de mediação familiar favorece a exposição dos jovens a situações desconhecidas e potencialmente danosas, aumentando sua suscetibilidade a diversos riscos, tanto no campo da saúde física e mental quanto em relação a diferentes formas de violência. Assim, o fortalecimento dos vínculos afetivos e da comunicação familiar se configura como um fator protetivo essencial diante das fragilidades próprias da adolescência.

O consumo de bebidas alcoólicas é um fator que aumenta a vulnerabilidade do adolescente para outros comportamentos de risco, como o uso de outras drogas, envolvimento em atos violentos ou prática sexual sem uso de preservativo, ficando mais suscetível às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), visto que o uso do álcool pode causar prejuízos ao indivíduo em seus julgamentos sobre sua saúde e sobre seus valores (Anjos; Santos; Almeida, 2012). Para Dallo e Martins (2011), conhecer os fatores de risco e fatores protetivos para o consumo de álcool implica na redução da vulnerabilidade. A vulnerabilidade é percebida entre os pares, principalmente entre as meninas, pois umas cuidam das outras em situações que elas julguem de risco, quando estão em festas e fazendo o consumo de bebidas alcoólicas ou não (Santos; Opaleye; Noto, 2018).

Andrade (2023) traz a relação entre a impulsividade e o consumo de álcool, considerada como um fator de vulnerabilidade. Para o autor, a impulsividade é definida em duas dimensões: "ação impulsiva" e "escolha impulsiva" e estas podem levar a consequências de curto, médio ou longo prazo de acordo com o comportamento. A impulsividade demonstrada por ações impulsivas ou escolhas impulsivas, ocorre sem que o indivíduo tenha realizado um planejamento ou julgamento sobre as ações que são tomadas naquele momento. A associação do consumo de álcool a impulsividade relaciona também a vulnerabilidade para o uso de substâncias ilícitas, pois quanto mais precoce for o consumo de álcool mais vulnerável ao consumo dessas substâncias o indivíduo estará.

Por sua vez, Podolano (2019) reforça a compreensão da adolescência como um período crítico de desenvolvimento, no qual o contexto social exerce forte influência sobre os comportamentos de risco. A autora destaca que a pressão dos pares, o desejo de aceitação social e as normas culturais relacionadas ao consumo de álcool estão entre os principais fatores que contribuem para a exposição dos adolescentes ao uso precoce de bebidas alcoólicas. Além disso,

Podolano (2019) chama atenção para a importância de políticas de prevenção que considerem esses determinantes sociais e culturais, ampliando a responsabilidade para além da esfera individual do adolescente.

2.3 O CONTEXTO SOCIAL E A RELAÇÃO COM O CONSUMO DE ÁLCOOL

O período da adolescência é caracterizado por intensas transformações, tanto físicas quanto, sobretudo, psicológicas, que marcam o processo de construção da identidade do indivíduo. Nessa etapa do desenvolvimento, consolidam-se aspectos fundamentais como os valores pessoais, a formação da personalidade e as identidades sexual, vocacional e profissional. Trata-se de uma fase em que são comuns comportamentos exploratórios e experiências de experimentação, característicos do processo de autoconhecimento e afirmação pessoal (Faria, 2022).

Associadas às transformações comportamentais, biológicas, fisiológicas, psicológicas e sociais que caracterizam o período da adolescência, as estratégias publicitárias, conforme mencionado anteriormente, exercem considerável influência sobre o processo de tomada de decisão dos indivíduos, especialmente no âmbito social. A exposição a conteúdos midiáticos que vinculam o consumo de bebidas alcoólicas a sensações de felicidade e bem-estar está relacionada a uma maior probabilidade de experimentação ou consumo atual dessas substâncias, conforme evidenciado no estudo de Pinsky e Jundi (2008).

Abordando questões sobre o uso de álcool e substâncias psicoativas, Cruz, Martins e Teixeira (2009) retratam que adolescentes e jovens fazem uso do álcool influenciado pelo contexto social, levando em conta a influência que ele exerce no meio e suas interações com ele. O estudo aponta que jovens que já fazem o uso de risco (consumo de mais de cinco doses em uma única ocasião aos finais de semana) tendem a julgar aceitáveis ou menos erradas condutas morais como furtar, agredir ou consumir bebidas alcoólicas, quando comparados a jovens abstêmios que avaliam tais condutas como menos aceitáveis.

Fatores socioculturais, como aponta Mezzaroba (2006), desempenham um papel relevante na manutenção e no reforço de padrões de consumo de álcool entre adolescentes, uma vez que o meio social, os ritos de passagem e as práticas culturais locais podem legitimar o uso precoce de bebidas alcoólicas.

Impulsionado por fatores socioculturais, o consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes traz consigo inúmeros fatores negativos para a saúde destes, como o prejuízo nas relações entre pares, pois muitas vezes podem se tornar violentas, ou em comportamentos

sexuais de risco. Quando investigadas a motivação para o beber e a consciência da própria vulnerabilidade, verifica-se que o consumo geralmente ocorre em festas, como os chamados "Pancadões", conforme descrito por Santos, Opaleye e Noto (2018). Entretanto, também se observa entre os jovens a percepção de que o bem-estar pode ser alcançado sem o consumo de álcool, destacando a presença de adolescentes abstêmios. Ressalta-se ainda um comportamento protetivo por parte das meninas, em especial as que se abstêm ou consomem pouca bebida alcoólica, uma vez que elas cuidam daquelas que consomem em maior quantidade, fenômeno que não foi observado entre os meninos.

As relações familiares, conforme Willhelm e colaboradores (2015), são de grande relevância quando tratamos de assuntos pertinentes ao consumo de álcool. É importante observá-las, pois é nelas que notamos alguns dos fatores de risco ou proteção para adolescentes e jovens em idade escolar. A família tem grande influência nos adolescentes e jovens, que ainda estão em processo de formação psicológica, social e moral. Muitas vezes a percepção do adolescente sobre o consumo de álcool no seu núcleo familiar está diretamente relacionada à relação que este adolescente terá com a bebida. Quando os pais ou familiares fazem mau uso do consumo de álcool, a tendência é de que seus filhos também o façam, seja pelo exemplo do consumo exagerado da família ou devido à tolerância ou aceitação, por parte dos pais, de que seus filhos façam o consumo de álcool assim como a ausência na participação da vida dos filhos. Para Villa (2017), o ambiente familiar também exerce grande influência no consumo de bebidas alcoólicas, apresentado como um fator sociocultural. Mezzaroba (2006) também reforça que os vínculos afetivos frágeis, a ausência de regras claras e o consumo parental de álcool contribuem para a vulnerabilidade dos adolescentes ao uso precoce de substâncias.

Na perspectiva da saúde pública, Souza, Deslandes e Garnelo (2010) discutem que políticas de prevenção precisam envolver diferentes setores sociais, considerando os determinantes sociais de saúde que afetam o comportamento dos adolescentes. Do mesmo modo, Silva, Gimeniz-Paschoal e Martins (2011) destacam a importância de um olhar intersetorial e da participação ativa da escola na construção de espaços de diálogo sobre o tema.

Além do ambiente familiar, o contexto escolar também representa um fator importante a ser considerado. Pesquisas de Malta *et al.* (2014) e Moreno, Ventura e Brêtas (2009) apontam que o consumo de álcool entre estudantes está associado a pior desempenho acadêmico, evasão escolar e aumento das faltas não justificadas. Esses autores também ressaltam a necessidade de ações integradas entre escola, família e comunidade para a prevenção ao uso de álcool.

Muitos estudantes e pais/responsáveis consideram a escola um local seguro e protegido. O ambiente escolar deve ser considerado também como um espaço para a promoção da saúde

de crianças, adolescentes e jovens, dando a eles a capacidade de desenvolvimento cognitivo, de aprendizagem e do convívio para que possam adquirir habilidades socioemocionais (Organização Pan-Americana da saúde, 2022).

A escola configura-se como um espaço privilegiado para a implementação de programas de promoção da saúde, especialmente aqueles voltados à educação para escolhas conscientes e ao desenvolvimento de habilidades para a vida (Teixeira *et al*., 2011). Nesse contexto, a atuação docente deve ser fortalecida por meio de formações específicas, que favoreçam intervenções pedagógicas qualificadas.

Ao se considerar intervenções voltadas ao público adolescente, destaca-se a importância da articulação entre os contextos familiar, escolar e comunitário, de modo a favorecer a construção de vínculos de proteção e a redução de danos (Paiva *et al.*, 2015). Essa abordagem encontra ressonância em proposições que defendem o desenvolvimento de Intervenções Breves (IB) no ambiente escolar, com foco na formação continuada dos professores para tratar do tema com segurança e conhecimento técnico. Tais profissionais, por estabelecerem vínculos afetivos significativos com os estudantes, ocupam uma posição estratégica na implementação de ações preventivas e educativas voltadas ao uso de substâncias psicoativas (Cruz; Martins; Silva, 2022).

O modelo de IB proposto por esses autores fundamenta-se em uma perspectiva biopsicossocial, reconhecendo a multiplicidade de fatores envolvidos no consumo de álcool. Sob esse enfoque, compreende-se que o envolvimento de adolescentes com essa substância não pode ser reduzido a uma escolha individual, devendo ser analisado a partir da interação entre determinantes biológicos, psicológicos e sociais. Apesar da relevância dessa proposta, ressalta-se o despreparo de muitos profissionais da educação para abordar adequadamente o tema, o que frequentemente os leva a recorrer a especialistas das áreas da saúde ou da segurança pública para lidar com as questões relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas (Cruz; Martins; Silva, 2022).

Para Cruz, Martins e Silva (2022), nas escolas em que professores e gestores demonstram engajamento com o tema, observa-se uma tendência de concentrar as ações preventivas apenas nos malefícios do uso de drogas ilícitas, deixando em segundo plano substâncias socialmente consideradas menos perigosas, como álcool, cigarro e medicamentos. Os autores apontam a relevância de um manual por eles desenvolvido, que permite realizar pesquisas e levantamentos sobre o consumo de álcool entre adolescentes, fornecendo aos professores formação específica sobre o tema. O material também promove direcionamentos sobre como abordar os jovens de maneira estruturada, potencializando intervenções breves

como estratégias eficazes para conscientização e prevenção do consumo de álcool, considerando o papel do contexto social, das influências recreativas e dos fatores de risco e protetivos presentes no cotidiano dos adolescentes (Cruz; Martins; Silva, 2022).

Machado *et al.* (2018) destacam que, ao trabalhar com adolescentes, é fundamental que a escola promova estratégias que considerem os fatores psicossociais envolvidos no uso de substâncias, criando espaços de escuta ativa e diálogo.

Por fim, Arruda (2020) enfatiza que a análise dos fatores individuais e contextuais são essenciais para compreender a complexidade que envolve o consumo de álcool entre adolescentes. A autora ressalta que características como autoestima, autoeficácia, suporte social e pertencimento escolar podem funcionar tanto como fatores de proteção quanto de risco, a depender da forma como são vivenciadas pelos jovens.

2.4 FATORES DE RISCO, FATORES PROTETIVOS E O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

A compreensão do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes exige uma análise atenta aos múltiplos fatores que influenciam esse comportamento, entre os quais se destacam os chamados fatores de risco e fatores protetivos. Esses elementos, presentes nos diferentes contextos de socialização — como família, escola, grupo de pares e comunidade —, exercem influência significativa sobre as escolhas e trajetórias dos jovens. Enquanto os fatores de risco aumentam a probabilidade de exposição a comportamentos prejudiciais, os fatores protetivos contribuem para o fortalecimento das capacidades individuais de enfrentamento e para a promoção de trajetórias mais saudáveis. Nesse sentido, a investigação sobre como esses fatores se articulam é essencial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção que considerem a complexidade do fenômeno e respeitem as especificidades dos sujeitos em seus contextos de vida. Em tal cenário, a definição conceitual dos fatores de risco e dos fatores protetivos é fundamental para compreensão dos mecanismos que favorecem ou dificultam o enfrentamento de situações adversas por parte dos adolescentes.

Fatores de risco, conforme definidos por Khouri (2016), apresentam-se como condições com alta probabilidade de situações indesejáveis ou negativas para o indivíduo, já os fatores protetivos apresentam melhora ou envolvimento bem-sucedido nas mesmas condições. O determinante para os fatores de risco ou fatores protetivos apontados pela pesquisadora é a resiliência, que possibilita o enfrentamento ou não de situações adversas que resultam no fortalecimento do indivíduo quando o mesmo consegue atingi-la. Ambientes como

comunidade, escola, relação com os pares, família e práticas parentais também estão diretamente relacionadas a esses fatores, sendo que cada uma das relações pode ser de risco ou protetiva a depender das relações estabelecidas com o adolescente. Ambientes organizados e de boa relação social entre os indivíduos são considerados como ambientes de fatores protetivos. Por outro lado, ambientes desorganizados ou com relações autoritárias ou negligentes tornam-se locais que oferecem mais riscos ao adolescente.

As relações dos fatores de risco e fatores protetivos relacionados ou não ao consumo de álcool por jovens adolescentes de 12 a 18 anos são nomeados como: socioculturais, familiares, meio social, expectativas, competências sociais e pessoais, psicológicos, em que cada um deles exerce um papel diferente em cada indivíduo de acordo com a fase de desenvolvimento e o meio em que está inserido (Barroso; Mendes; Barbosa, 2009).

Diversos estudos nacionais têm se dedicado a analisar os múltiplos determinantes envolvidos no consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. Diemen (2006) ressalta que fatores genéticos, ambientais e psicossociais interagem de maneira complexa e influenciam a vulnerabilidade individual ao uso de substâncias. A autora enfatiza que características individuais como impulsividade e dificuldades no manejo emocional estão frequentemente associadas a maiores taxas de consumo precoce.

As condições de fatores de risco que levam os adolescentes ao consumo de álcool podem ser atribuídas à ausência da formação de vínculos familiares ou sociais, à diversão, à necessidade de se mostrarem capazes de pertencer a um determinado grupo, à imaturidade da formação psicológica e neurológica ou à fase de experimentação. Todos estes fatores precisam ser considerados pelas famílias e escolas quando pensamos em ações de fatores de proteção, que levam os adolescentes a reflexão e levantam discussões sobre os efeitos do álcool no desenvolvimento e nas relações humanas (Soares *et al.* 2020).

Do ponto de vista social e familiar, Gomes, Alves e Nascimento (2010) identificam que a ausência de diálogo entre pais e filhos, a supervisão parental inadequada e o histórico familiar de uso de álcool são condições que favorecem o início precoce do consumo. Os autores reforçam a importância de estratégias de prevenção voltadas ao fortalecimento dos vínculos familiares como forma de proteção.

Ainda sobre o ambiente familiar e escolar, Sanches (2010) aponta que o baixo envolvimento escolar e a convivência com pares que fazem uso de álcool são elementos de risco importantes. Adolescentes que apresentam dificuldades de integração escolar ou que possuem um grupo de amigos consumidores têm maior probabilidade de se engajar em comportamentos de risco, incluindo o uso de álcool.

Ao abordar a relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas, Pedrosa (2009) destaca que transtornos como depressão e ansiedade podem potencializar a experimentação e o consumo contínuo de álcool entre os jovens. A presença de sofrimento psíquico torna-se, assim, um fator de risco importante, especialmente quando não há suporte psicossocial adequado.

Dallo e Martins (2011), por outro lado, identificaram a religiosidade e a resiliência como fatores protetivos em relação ao consumo de bebidas alcoólicas. Por outro lado, a presença de familiares que fazem uso excessivo de álcool e a ausência de programas eficazes de prevenção são apontados como fatores de risco. Como ressalta Villa (2017), a pressão dos pares, a dificuldade de lidar com habilidades sociais, o aumento na disponibilidade do álcool, desvantagens socioeconômicas e o contexto cultural contribuem como fatores de risco para o consumo de álcool. Em contrapartida, a qualidade de vida familiar com a presença de pais ativos, habilidade para lidar com as relações interpessoais e a religião atuam como fatores protetivos.

Visto que o desenvolvimento dos indivíduos ocorre nas relações entre pessoa e ambiente, a resiliência destaca-se em três dimensões fundamentais: acadêmica, social e emocional. As capacidades de adaptação ao meio são compreendidas como fatores de proteção perante situações de vulnerabilidade, pois interagem com o ambiente de risco, tornando os sujeitos mais resilientes e favorecendo o desenvolvimento da "adaptabilidade, segurança, autonomia e criatividade" (Amparo *et al*., 2008 p. 166).

Por sua vez, Tinôco e Romera (2023) levantam a hipótese de que a participação em atividades de lazer durante a infância e a adolescência pode contribuir para a redução do uso excessivo de álcool e outras drogas na juventude. Em pesquisa realizada com jovens universitários, os autores aplicaram questionários retrospectivos voltados para o período da adolescência, com o objetivo de analisar os impactos de atividades extraescolares, da participação religiosa e de programas de prevenção ao consumo de substâncias psicoativas (SPA) e álcool, enquanto fatores de risco ou de proteção. Os resultados obtidos pelos autores indicaram que a prática de atividades físicas em equipes esportivas, ao contrário do que se poderia supor, não apresentou associação positiva como fator protetivo em relação ao consumo de álcool. Os jovens que relataram não ter participado de equipes esportivas durante a adolescência apresentaram menores índices de consumo de álcool. No que diz respeito à religiosidade e à participação em ações pró-sociais voluntárias, os dados revelaram uma relação protetiva, ainda que observada em uma parcela menor dos participantes da pesquisa.

Quanto aos programas de prevenção ao uso de SPA e álcool, a análise de Tinôco e Romera (2023) revelou o consumo de álcool ter sido mais prevalente que o de outras drogas, sugerindo a persistência da percepção social de que o álcool é uma substância menos nociva em comparação com outras drogas ilícitas. Ainda assim, a pesquisa apontou que a associação entre a participação em atividades diversificadas, realizadas em grupo durante a adolescência, constituiu-se como um fator protetivo relevante, reforçando a importância de promover espaços de socialização saudável entre os jovens.

Um fenômeno que demanda atenção pelo meio acadêmico, estudado por Romera, Freitas, Mion (2023), é o "esquenta", cultura chamada de "intoxicação" em estudos científicos, que tem como objetivo a desinibição e diversão do jovem. O "esquenta" que antecede as festas é considerado o primeiro estágio para o consumo de álcool, uma vez que o beber como lazer noturno, comercialização e consumo como forma recreativa tem se tornado cada vez mais comum, transformando a prática em um fator de risco. Conforme aponta o estudo, a motivação para a realização do "esquenta" por jovens seria a redução nos custos com bebidas, já que o consumo se inicia com destilados de menor valor, além das dimensões socioafetivas que trazem para o jovem o conforto em iniciar a noite em ambientes com a presença de amigos, o que os torna mais seguros nas relações de sociabilidade. Por outro lado, os autores também destacam que, sob determinadas circunstâncias, o "esquenta" pode ser compreendido como um fator protetivo, especialmente quando praticado por mulheres que desejam moderar o consumo. Essa proteção estaria relacionada ao contexto em que a prática ocorre em ambientes privados e com pessoas conhecidas, considerando-se os espaços públicos de lazer noturno frequentemente com maiores situações de vulnerabilidade para as mulheres, fato que delas exige estratégias específicas de proteção.

Por outro lado, Cruz (2011) e Pereira (2011), em suas pesquisas, evidenciam a importância do contexto escolar como espaço de promoção de fatores protetivos. Intervenções educativas, programas de prevenção ao uso de substâncias e a promoção de um ambiente escolar acolhedor são estratégias minimizadoras do risco do consumo de álcool. Donati *et al.* (2012) complementam essa perspectiva ao apontar que o desenvolvimento de habilidades sociais nos adolescentes atua como um importante fator protetivo, reduzindo a chance de envolvimento com o álcool.

Além disso, há destaque para a associação entre a exposição à violência e o aumento do consumo de álcool, conforme apontado por Vieira (2013) e por Jomar, Abreu e Griep (2014b). De acordo com os autores, adolescentes que vivenciam situações de violência doméstica ou

comunitária apresentam maior propensão ao uso de substâncias como forma de enfrentamento emocional.

Estudos apontam fatores de risco (como a ausência de supervisão parental, o fácil acesso às bebidas alcoólicas e a influência de pares que fazem uso da substância) como determinantes para o comportamento de consumo entre adolescentes. Em contrapartida, elementos como o suporte social, a qualidade da relação familiar e o bom desempenho escolar configuram-se como importantes fatores protetivos (Ruíz *et al*., 2015; Chimeli *et al*., 2016).

Nesse mesmo sentido, Faria (2016), Nadaleti *et al.* (2018) e Brites, Abreu e Portela (2019) evidenciam que as estratégias de intervenção comunitária, assim como o fortalecimento dos vínculos sociais e escolares, desempenham um papel significativo na redução do consumo de álcool entre adolescentes. Além disso, Silva (2019) destaca a relevância das políticas públicas e da implementação de ações preventivas no ambiente escolar como mecanismos eficazes para mitigar a vulnerabilidade juvenil.

Por fim, uma revisão sistemática conduzida por Teixeira *et al.* (2022) ressalta que os fatores protetivos mais eficazes são aqueles que abrangem múltiplos contextos de vida dos adolescentes, com destaque para a integração entre família, escola e comunidade. O estudo recomenda, como ação prioritária, o desenvolvimento de políticas intersetoriais e programas de promoção da saúde voltados à prevenção do uso de álcool entre jovens.

3 OBJETIVOS

É nosso objetivo geral conhecer os contextos sociais de experimentação e de consumo atual de bebidas alcoólicas entre estudantes do Ensino Médio, considerando as condições em que esses comportamentos ocorrem e os fatores de risco e de proteção que influenciam tais práticas, a fim de subsidiar reflexões voltadas à prevenção e promoção da saúde.

Já os objetivos específicos são:

- Caracterizar o perfil sociodemográfico e comportamental dos estudantes que consomem bebidas alcoólicas;
- Identificar as condições (idade, tipo de bebida, local e companhia) relacionadas à experimentação e ao consumo atual de álcool;
- Analisar os fatores sociais associados ao consumo de álcool, distinguindo fatores de risco e de proteção.

4 MÉTODO

Esta investigação caracteriza-se como um estudo quantitativo, de natureza empírica, fundamentado em análise descritiva, cuja finalidade é sistematizar e interpretar dados obtidos a partir de uma população definida, possibilitando a identificação de comportamentos e a verificação de hipóteses (Marconi; Lakatos, 2002).

O trabalho integra um estudo mais amplo, intitulado “Levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes: padrão de consumo e contexto de uso”, cujo objetivo foi examinar o padrão de consumo de álcool e outras drogas entre estudantes do Ensino Médio. Considera-se, nesse âmbito, que a percepção social atribuída ao uso de bebidas alcoólicas difere substancialmente daquela relacionada a outras substâncias psicoativas, frequentemente associadas a uma conotação negativa (Rodrigues, 2024).

Para esta Dissertação, realizou-se um recorte específico do levantamento geral, direcionado ao tema do consumo de bebidas alcoólicas por estudantes do Ensino Médio. A intenção desse recorte é aprofundar a análise sobre os contextos sociais de experimentação e de uso atual, buscando compreender de que forma fatores de risco e fatores protetivos se manifestam no ambiente escolar, familiar e comunitário. Essa delimitação justifica-se pela relevância de compreender o consumo de álcool, enquanto droga lícita e de amplo alcance social, como fenômeno que apresenta elevada incidência nessa faixa etária e que demanda atenção das políticas públicas e educacionais.

Os dados foram coletados junto a 1.665 alunos de dez escolas públicas do município de São José do Rio Preto (Rodrigues, 2024).

Na presente seção, apresentam-se as características das instituições de ensino participantes, o perfil dos respondentes, o instrumento utilizado para coleta, as questões éticas observadas, o procedimento adotado para a obtenção dos dados e a estratégia aplicada na análise dos resultados.

4.1 *LOCUS* DA PESQUISA

Como critério de inclusão das escolas participantes da pesquisa, definiu-se o pertencimento a uma das dez regiões administrativas de São José do Rio Preto, conforme delimitação estabelecida pelo Decreto Municipal nº 18.073/2018, que organiza o território do município em: Bosque, Central, CEU, Cidade da Criança, Pinheirinho, Talhado, Represa, HB, Vila Toninho e Schmitt. Nas regiões que contavam com mais de uma unidade escolar da rede

pública, foi selecionada aquela cujo gestor escolar respondeu de forma mais célere ao convite e autorizou a participação na pesquisa (Rodrigues, 2024).

Na Tabela 1, apresenta-se a identificação das escolas incluídas neste estudo, utilizando as primeiras letras do alfabeto como código, acompanhadas do número de alunos participantes e da respectiva porcentagem que cada instituição representa em relação ao total da amostra. A pesquisa contou com a participação de 1.665 alunos do Ensino Médio, distribuídos em 10 escolas. Quanto à origem escolar, os participantes estavam vinculados às seguintes instituições: Escola A (3,1%), Escola B (7,1%), Escola C (5,4%), Escola D (5,0%), Escola E (6,1%), Escola F (9,9%), Escola G (11,1%), Escola H (19,8%), Escola I (15,6%) e Escola J (16,7%). Os dados detalhados estão sistematizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência relativa dos estudantes participantes por escola

Variável	**Estatística**
Escola (n=1665)	*n (%)*
Escola A	52 (3.12%)
Escola B	118 (7.07%)
Escola C	89 (5.4%)
Escola D	84 (5.04%)
Escola E	101 (6.12%)
Escola F	165 (9.95%)
Escola G	185 (11.09%)
Escola H	331 (19.84%)
Escola I	261 (15.65%)
Escola J	279 (16.73%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

4.2 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa inicial foram 1.665 alunos, com idades entre 14 e 18 anos (Rodrigues, 2024). As informações levantadas foram analisadas considerando o período em que estudam, a identificação do sexo e da classe social, esta última conforme o Critério Brasil (ABEP, 2024).

Quanto ao período de estudo, a maioria dos alunos estava matriculada no turno da manhã (50,2%), seguida pelo período noturno (32,7%) e pelo regime integral (17,09%).

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes segundo o período de estudo

Variável	**Estatística**
Período que Estuda: (n=1665)	*(n) (%)*
Manhã	835 (50.24%)
Noite	545 (32.67%)
Integral	285 (17.09%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

No que diz respeito ao sexo, a amostra apresentou 53,5% de participantes do sexo masculino, 44,8% do feminino e 1,7% que não se identificaram com nenhuma das opções.

Tabela 3 – Distribuição dos estudantes segundo o sexo

Variável	**Estatística**
Sexo: (n=1665)	*(n) (%)*
Masculino	890 (53.48%)
Feminino	747 (44.84%)
Não se identifica com nenhum dos sexos	28 (1.68%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Na tabela 4 podemos observar a distribuição de acordo com a classe social, que seguindo os padrões do Critério Brasil, foi a seguinte: 7,4% pertenciam à classe A, 10,1% à classe B1, 35,0% à classe B2, 28,4% à classe C1, 15,6% à classe C2 e 3,6% às classes D/E.

Tabela 4 – Distribuição da classe social dos estudantes segundo o Critério Brasil

Variável	**Estatística**
Classe Social (Critério Brasil) (n=1665)	*(n) (%)*
A	124 (7.43%)
B1	167 (10.07%)
B2	582 (34.95%)
C1	472 (28.36%)
C2	260 (15.59%)
D/E	60 (3.6%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

O Critério de Classificação Econômica Brasil, também conhecido como Critério Brasil, foi desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) com o objetivo de determinar a classe social da população brasileira. A metodologia, aplicada por meio de questionários estruturados, utiliza um sistema de pontuação baseado nos atributos presentes nos domicílios. Esse critério adota um padrão de classificação socioeconômica que avalia o poder de compra das famílias, considerando aspectos como a posse de bens de consumo, o nível de escolaridade do responsável pelo domicílio e as condições estruturais da residência (ABEP, 2024).

Quadro 6 – Estimativa da renda média domiciliar para os estratos do Critério Brasil

Estrato Socioeconômico	**Renda Média**
A	R$ 26.811,68
B1	R$ 12.683,34
B2	R$ 7.017,64
C1	R$ 3.980,38
C2	R$ 2.403,04
DE	R$ 1.087,77

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Para esta pesquisa, utilizamos o recorte com respostas positivas para o consumo de álcool, portanto, todos os dados dos sujeitos que indicaram no questionário o não consumo de álcool foram excluídos da planilha utilizada para análise. Ao final da exclusão, restaram 675 sujeitos (n=675), cujas respostas foram analisadas e descritas nesta pesquisa.

A aplicação do instrumento AUDIT permitiu a distinção entre os participantes que nunca experimentaram bebida alcoólica daqueles que beberam uma ou mais vezes na vida. Conforme os dados apresentados na Tabela 5, os respondentes foram distribuídos em dois grupos: os que afirmaram “não beber” (59,5%) e os que relataram “beber” (40,5%).

Tabela 5 – Distribuição de estudantes abstêmios e de estudantes que já beberam uma ou mais vezes na vida

Variável	**Estatística**
(n=1665)	*(n) (%)*
Não bebe	990 (59.53%)
Bebe	675 (40.47%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Observa-se que aproximadamente 60% dos participantes desta pesquisa se declararam abstêmios, uma porcentagem que consideramos significativa e que merece atenção em novas pesquisas, porém neste trabalho optamos por nos debruçarmos sobre os 40,47% que responderam fazer o consumo de bebidas alcoólicas.

Quando comparados aos dados do estudo realizado por Cruz (2006), que investigou o padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes do Ensino Médio em um município da região noroeste do Estado de São Paulo, observa-se uma mudança significativa nesse comportamento ao longo do tempo. Naquele levantamento, Cruz (2006) entrevistou 591 estudantes, dos quais 459 (77,7%) declararam nunca ter consumido qualquer tipo de bebida alcoólica, sendo, portanto, classificados como abstêmios, enquanto 132 (22,3%) obtiveram pontuação igual ou superior a 8 no AUDIT, caracterizando consumo de risco (*binge drinking*). Entre estes últimos, 66,7% eram rapazes e 33,3% moças que apresentavam padrão de consumo excessivo. Ao confrontar esses dados com os de nossa pesquisa, verifica-se que, em duas décadas, houve uma redução expressiva do número de abstêmios: de 77,7% em 2006 para 59,53% em 2024. Além disso, evidencia-se um aumento no consumo entre as garotas, uma vez que 338 (45,19%) das meninas que participaram do presente estudo relataram já ter consumido bebida alcoólica ao menos uma vez na vida, em comparação a 317 (35,54%) dos meninos

(Tabela 6).Tal inversão no padrão de consumo por gênero sugere transformações nos contextos sociais e culturais, nas representações de gênero e no acesso das adolescentes ao álcool, aspectos que podem estar relacionados tanto à flexibilização das normas sociais quanto ao enfraquecimento de fatores de proteção tradicionalmente associados à família e à escola.

4.3 INSTRUMENTO

Além do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), do questionário socioeconômico (ABEP, 2024), documentos que compõem esta pesquisa, o instrumento utilizado foi a última versão do Teste de Identificação de Transtornos por Uso de Álcool — AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*), Babor *et al.* (2001), composto por dez questões de múltipla escolha, traduzido para o português por Méndez (1999), além de uma quarta parte composta por questionário contendo treze questões referentes ao contexto de experimentação e ao consumo atual de bebidas alcoólicas, elaboradas com base no questionário proposto por Cruz (2006).

O AUDIT é composto por dez questões que avaliam aspectos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, de aplicabilidade rápida e fácil, se mostra eficaz a estudos com adolescentes sobre o consumo de bebidas alcoólicas, em que as três primeiras questões avaliam quantidade, frequência, episódios de embriaguez – "beber embriagado" –, seguido por três questões que investigam sinais de dependência e, por fim, as quatro últimas que avaliam o risco de consequências prejudiciais ao usuário (Cruz; Martins; Silva, 2022). A interpretação dos resultados é realizada por meio de um sistema de pontuação que permite classificar os participantes em diferentes níveis de risco. Esse teste é considerado apropriado para a faixa etária dos participantes desta pesquisa (Martins *et al.*, 2008).

A quarta parte do questionário que compõe o instrumento de pesquisa foi inspirado no roteiro de entrevista elaborado por Cruz (2006). Esse questionário é composto por 13 questões, sendo a maioria com alternativas de resposta para serem assinaladas pelos participantes, e algumas abertas, que exigem respostas discursivas.

As primeiras quatro questões são relativas à primeira vez que o respondente provou bebida alcoólica, abordando aspectos como idade, companhia, local e tipo de bebida consumida. Em seguida, o instrumento contempla perguntas sobre o consumo atual, indagando o local onde normalmente ocorre o consumo, a companhia (se acompanhado ou sozinho) e os tipos de bebidas ingeridas. Além disso, tem uma questão sobre o episódio em que o participante ingeriu maior quantidade de bebida alcoólica. Por fim, o questionário indagou sobre a última vez em

que o participante consumiu álcool, buscando identificar quando, onde, com quem e o motivo que o levou a beber naquela ocasião (Martins; Cruz, 2015). Foi possível organizar este instrumento em forma de questionário com alternativas de múltipla escolha através de um estudo piloto. Dessa forma, o instrumento foi organizado em um formulário eletrônico (*Google Forms*).

Nesta Dissertação, analisamos os dados das seguintes questões do questionário referentes ao contexto de experimentação e ao consumo atual de bebidas alcoólicas:

19. Com que idade você experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
20. Qual foi a bebida que você experimentou nessa primeira vez?
21. Onde você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
22. Com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
25. Com quem você costuma beber?
26. Pense no dia em que você mais bebeu. Quando foi?
28. Você bebe quando está sozinho?
30. Diga-me, quando foi a última vez que você bebeu sozinho?
31. Porque você bebeu nessa ocasião?

O instrumento completo encontra-se disponível no Apêndice B, em que as questões estão organizadas da seguinte forma: a primeira corresponde ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE); da segunda à oitava, apresentam-se as questões relacionadas à investigação socioeconômica; a partir da nona, inicia-se o questionário AUDIT, que se estende até a décima oitava questão. Por fim, da décima nona até a trigésima primeira questão, encontram-se os itens referentes à investigação do contexto social relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas.

A aplicação da quarta parte do questionário teve como objetivo investigar o contexto do consumo de bebidas alcoólicas, com foco na compreensão das circunstâncias relacionadas à experimentação e ao consumo atual da substância. Na descrição dos resultados, serão apresentadas as análises relacionadas ao questionário.

4.4 QUESTÕES ÉTICAS

Esta pesquisa integra um estudo mais amplo, intitulado “Levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes: padrão de consumo e contexto de uso”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto, em 1º de fevereiro de 2023 (Parecer n.º 5.871.819).

4.5 PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS

Após autorização da Diretoria Regional de Ensino do município de São José do Rio Preto, por meio de carta de anuência e a aprovação no Conselho de Ética em Pesquisa, foram definidas as escolas de Ensino Médio em que os instrumentos seriam aplicados. Por meio de contato telefônico, os gestores escolares foram informados acerca dos objetivos e da metodologia da pesquisa, que incluiu o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) e o questionário voltado à investigação dos contextos sociais relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas. Ocorreu a aplicação dos instrumentos organizados em um formulário eletrônico (*Google Forms*) respondido pelos estudantes, utilizando seus celulares ou, alternativamente, em salas de informática das escolas, com o acompanhamento da pesquisadora (Rodrigues, 2024).

4.6 ANÁLISE DOS DADOS

Para alcançar os objetivos deste estudo, os dados coletados via formulário foram organizados em planilhas Excel e receberam tratamento estatístico com o apoio da Estatística Isabelle C. I. Carnielli (CONRE: 10734).

Realizou-se uma análise descritiva da amostra por meio do cálculo das frequências absolutas e relativas para características sociodemográficas e comportamentais. Foram consideradas informações sobre escola, período e ano de estudo, sexo, classe social (Critério Brasil), frequência e padrões de consumo de bebidas alcoólicas, bem como experiências relacionadas ao uso de álcool, incluindo idade e contexto da primeira experimentação, companhia habitual ao beber e motivos para o consumo. Também foram descritas as bebidas experimentadas inicialmente, com estimativas percentuais acompanhadas de intervalos de confiança de 95%, conforme metodologia de Vollset (1993). Para analisar associações entre

variáveis, adotaram-se testes estatísticos apropriados à natureza dos dados. Comparações entre grupos foram realizadas com testes Mann-Whitney, devido à característica ordinal da variável "Classe Social". O tamanho de efeito foi calculado utilizando a estatística r, conforme descrito por Cohen (1992). Associações entre características categóricas, como *status*, escola, período, ano de estudo e sexo, foram avaliadas por meio de testes Qui-quadrado. As frequências esperadas foram avaliadas para garantir que não mais de 20% das caselas apresentaram valor menor que 5, adequando-se à suposição do teste segundo Agresti (2007). Calculou-se também o tamanho de efeito com base no V de Cramer, interpretado conforme os graus de liberdade (Cohen, 1988). As análises estatísticas foram realizadas utilizando o software R, versão [4.2.0], com um nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$). O cruzamento estatístico permitiu-nos entrelaçar informações e realizar análises referentes ao contexto social e iniciação ao consumo de álcool entre os adolescentes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação dos resultados e sua respectiva discussão inicia-se com a descrição dos dados levantados na pesquisa de campo, conforme metodologia descrita anteriormente. De início, serão analisadas as informações obtidas a partir da aplicação do AUDIT (Babor *et al*., 2001), com base na adaptação metodológica utilizada por Rodrigues (2024). Os dados estão apresentados por escola, estratificados segundo a classificação socioeconômica do Critério Brasil, identificando o número de abstêmios e o número de estudantes que relataram já ter consumido bebidas alcoólicas ao menos uma vez na vida, considerando que as comparações com os resultados do AUDIT envolvem momentos de coleta distintos, o que introduz uma pequena defasagem temporal entre as informações.

Em sequência, serão explorados os resultados provenientes das questões específicas relacionadas ao contexto da experimentação e do consumo atual de bebidas alcoólicas entre os participantes. Essas informações complementam os dados do AUDIT e possibilitam uma análise mais ampla e detalhada dos padrões de consumo entre os estudantes do Ensino Médio investigados.

5.1 RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO AUDIT

Como informado, este estudo deriva de um levantamento do padrão de consumo com 1.665 estudantes do Ensino Médio, por meio do teste AUDIT para identificar os abstêmios e os que já fizeram ou fazem uso de álcool (Rodrigues, 2024). Esse teste possibilitou identificar dois grupos em relação à ingestão de álcool: o grupo que “Não bebe” (59,05%) e o que “Bebe” (40,5%), conforme demonstrado na tabela 5 anteriormente.

A partir da análise dos dados apresentados na Tabela 6, observa-se que os estudantes do sexo masculino estão proporcionalmente menos associados ao consumo de bebidas alcoólicas do que os do sexo feminino e aqueles que não se identificam com nenhum dos sexos. Entre os 745 estudantes do sexo feminino, 45,19% relataram consumir álcool, enquanto 54,81% se declararam abstêmias. Já entre os 892 estudantes do sexo masculino, 35,54% afirmaram consumir bebidas alcoólicas, e 64,46% não o fazem. Entre os 28 estudantes que não se identificam com nenhum dos sexos, 20 deles (71,43%) relataram consumir bebidas alcoólicas.

Tabela 6 – Distribuição do consumo de bebidas alcoólicas por sexo

Sexo: (*n = 1665*)	Geral	Bebe	Não bebe
Feminino	745	338 (45.19%)	407 (54.81%)
Masculino	892	317 (35.54%)	575 (64.46%)
Não se identifica com nenhum dos sexos	28	20 (71.43%)	8 (28.57%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Esses dados revelam uma tendência que contrasta parcialmente com os achados de Dallo e Martins (2011), que, embora não tenham identificado diferença estatisticamente significativa entre os sexos em relação ao consumo de álcool — sendo 37,3% entre homens e 31,8% entre mulheres —, destacaram preocupação quanto à vulnerabilidade feminina diante dos efeitos fisiológicos do álcool. De modo semelhante, Donati *et al.* (2012) apontam que o aumento do consumo entre mulheres constitui um fator de risco relevante associado às transformações sociais e à ampliação dos espaços ocupados pelas mulheres, incluindo comportamentos anteriormente atribuídos ao universo masculino.

O indicativo do aumento do consumo por parte do público feminino, mencionado por Donati *et al.* (2012), confirma-se nos dados da presente pesquisa, que evidenciam uma proporção mais elevada de estudantes do sexo feminino com hábito de consumo alcoólico quando comparada à do sexo masculino. Tal constatação reforça a importância de considerar recortes de gênero nas estratégias de prevenção e enfrentamento ao uso precoce de álcool entre adolescentes. Essas pesquisas realizadas há pouco mais de uma década alertaram para o crescente consumo de bebidas alcoólicas entre o público feminino.

Iniciaremos a seguir as discussões pertinentes às três primeiras questões do teste AUDIT que tratam de questões relacionadas ao comportamento e à forma de consumo da bebida alcoólica.

Os resultados dos itens do AUDIT aqui apresentados na primeira questão são referentes ao grupo total de respondentes da pesquisa: 1.665 estudantes; posteriormente as respostas obtidas foram referentes aos que indicaram ter consumido bebida alcoólica pelo menos uma vez, assim temos o número de 675 estudantes.

Podemos ver esses resultados na tabela a seguir:

Tabela 7 – Resultados AUDIT referente a quantidade, frequência e episódios de embriaguez

Variável	**Estatística**
Com que frequência você toma bebidas alcoólicas? (n=1665)	
Nunca	990 (59.53%)
Uma vez por mês ou menos	344 (20.62%)
Duas a quatro vezes por mês	197 (11.81%)
Duas a três vezes por semana	90 (5.4%)
Quatro ou mais vezes por semana	44 (2,64%)
Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você costuma tomar? (n=675)	
1 ou 2 doses	321 (47.56%)
3 ou 4 doses	152 (22.52%)
5 ou 6 doses	91 (13.48%)
7 a 9 doses	35 (5.19%)
10 ou mais doses	76 (11.26%)
Com que frequência você toma "seis ou mais doses" em uma ocasião? (n=675)	
Nunca	262 (38.81%)
Menos que uma vez ao mês	192 (28.44%)
Uma vez ao mês	105 (15.56%)
Uma vez por semana	96 (14.22%)
Todos os dias ou quase todos	20 (2.96%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

No que se refere à primeira questão do instrumento AUDIT — *"Com que frequência você consome bebidas alcoólicas?"* —, observou-se que a maioria dos respondentes (59,5%) declarou nunca consumir bebidas alcoólicas. Em seguida, 20,6% relataram consumo *"uma vez por mês ou menos"*, 11,8% afirmaram consumir *"duas a quatro vezes por mês"*, enquanto 5,4% indicaram o consumo *"duas a três vezes por semana"* e 2,6% afirmaram consumir *"quatro ou mais vezes por semana"*. Esses dados sugerem que, embora a maioria não consuma bebidas alcoólicas, há uma parcela significativa de estudantes com padrão de consumo regular.

Quanto à variável *"Nas ocasiões em que bebe, quantas doses costuma tomar?"*, identificou-se que 47,6% dos participantes relataram ingerir entre uma e duas doses. Em seguida, 22,5% indicaram consumir de três a quatro doses; 13,5%, de cinco a seis doses; 5,2%, de sete a nove doses; e 11,3% relataram consumo igual ou superior a dez doses por ocasião. Este último dado aponta para um percentual relevante de jovens com padrão de consumo elevado, o que indica comportamentos de risco.

Em relação à variável *"Com que frequência você toma seis ou mais doses em uma única ocasião?"*, os resultados revelam que 38,8% dos estudantes nunca realizaram esse tipo de consumo. No entanto, 28,4% relataram fazê-lo *"menos de uma vez por mês"*, 15,6% *"uma vez*

por mês", 14,2% *"uma vez por semana"*, e 3% afirmaram consumir *"todos os dias ou quase todos os dias"* nesse padrão. Esses dados evidenciam a presença do chamado *binge drinking* entre parte dos adolescentes, prática caracterizada pelo consumo episódico excessivo, frequentemente associado a situações que aumentam a vulnerabilidade de quem bebe.

Martins *et al.* (2008) identificaram que 15,1% dos estudantes consomem bebidas alcoólicas mensalmente ou com menor frequência, enquanto 45% relataram consumo de duas a quatro vezes por semana ou mais. Dentre esses, 66,6% afirmaram ingerir cinco ou mais doses por ocasião, e 44,5% relataram o consumo de seis ou mais doses semanalmente, caracterizando o padrão de *binge drinking*. Corroborando com os achados de Martins *et al.* (2008), Dallo e Martins (2018) também apontam a prevalência do *binge drinking* entre adolescentes, com 31,1% dos respondentes relatando esse padrão de consumo. Santos (2018) apresenta duas definições para o consumo mais intenso de bebida: o *binge drinking* por ele descrito como "beber pesado episódico", indica consumir grande quantidade de bebida alcoólica, porém em episódios isolados, e o "beber pesado", que engloba o *binge drinking*, mas de uma maneira mais ampla, com doses de bebidas diárias sendo de até duas doses para homens e até uma dose para mulheres.

Em comparação com os resultados obtidos nesta pesquisa, observa-se uma redução significativa. Ao somarmos o número de estudantes que responderam beber "seis ou mais doses" (*binge*) em uma vez por semana (14,22%) com os que responderam fazer *binge* "todos os dias ou quase todos os dias" (2,96%), chegamos a 17,18% dos participantes em situação de uso abusivo de álcool. Esse padrão de consumo configura um comportamento de risco, uma vez que os torna mais vulneráveis a situações comprometedoras de sua saúde física e emocional.

A avaliação da percepção de sintomas associados à dependência do álcool (Silva; Gimenez-Paschoal; Martins, 2011) foi realizada com base nas questões 4, 5 e 6 do AUDIT, aplicadas aos 675 estudantes que declararam já ter consumido bebidas alcoólicas. Essas questões analisam a percepção dos adolescentes sobre a capacidade de controle da ingestão, os impactos do consumo nas responsabilidades diárias e a necessidade de consumir álcool pela manhã como forma de amenizar os efeitos do consumo anterior.

Tabela 8 – Percepção dos sintomas de dependência

Variável	Estatística
	(n=675)
Com que frequência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?	
Nunca	517 (76.59%)
Menos que uma vez ao mês	55 (8.15%)
Uma vez ao mês	37 (5.48%)
Uma vez por semana	30 (4.44%)
Todos os dias ou quase todos	36 (5.33%)
Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?	*(n=675)*
Nunca	601 (89.04%)
Menos que uma vez ao mês	27 (4%)
Uma vez ao mês	14 (2.07%)
Uma vez por semana	13 (1.93%)
Todos os dias ou quase todos	20 (2.96%)
Com que frequência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor?	*(n=675)*
Nunca	585 (86.67%)
Menos que uma vez ao mês	36 (5.33%)
Uma vez ao mês	24 (3.56%)
Uma vez por semana	14 (2.07%)
Todos os dias ou quase todos	16 (2.37%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

No que se refere à variável *"Com que frequência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?"*, observou-se que 76,6% dos participantes afirmaram que isso *"nunca"* ocorreu. Por outro lado, 8,1% relataram essa dificuldade *"menos de uma vez por mês"*, 5,5% *"uma vez por mês"*, 4,4% *"uma vez por semana"* e 5,3% afirmaram que essa situação aconteceu *"todos os dias ou quase todos os dias"*. Esses dados indicam que, apesar de a maioria não apresentar dificuldades de controle, há uma parcela de estudantes que já vivenciou tal situação, sugerindo indícios de perda de controle do consumo, podendo configurar uma situação de risco.

Quanto à questão *"Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?"*, verificou-se que 89% dos respondentes afirmaram "nunca" ter acontecido isso. No entanto, 4% relataram ter ocorrido "menos de uma vez por mês", 2,1% "uma vez por mês", 1,9% "uma vez por semana" e 3% afirmaram que tal situação ocorreu "todos os dias ou quase todos os dias". Ainda que em menor proporção, esse resultado aponta para impactos negativos concretos na vida cotidiana dos adolescentes em decorrência do uso de álcool.

Em relação à variável *"Com que frequência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor?"*, os dados mostram que 86,7% dos estudantes responderam "nunca". Contudo, 5,3% indicaram "menos de uma vez por mês", 3,6% "uma vez por mês", 2,1% "uma vez por semana" e 2,4% relataram necessidade de consumir álcool "todos os dias ou quase todos os dias" após episódios de consumo excessivo. Tais resultados podem ser interpretados como sinais de padrões mais graves de uso, sugerindo potencial desenvolvimento de dependência alcoólica em uma pequena parcela dos respondentes.

Martins *et al.* (2008) não encontraram relevância na proporção de estudantes relacionada aos sintomas de dependência. O mesmo ocorreu em nossa pesquisa, porém uma pequena parte dos estudantes encontra-se em situação de risco para dependência de álcool. Dallo e Martins (2011) ressaltam que o consumo excessivo ou dependência de bebidas alcoólicas não procede apenas de fatores biológicos, posto estarem esses fatores associados a aspectos ambientais e psicológicos, o que torna mais complexas as políticas de prevenção.

Por fim, as quatro últimas questões tratam do comportamento relacionado ao consumo de bebidas alcoólicas como o de "uso nocivo" (Silva; Gimenez-Paschoal; Martins, 2011). Entre os 675 estudantes que relataram já ter consumido bebidas alcoólicas, foi possível identificar comportamentos e consequências preocupantes, ainda que em menor escala na amostra geral, que sugerem riscos à saúde física, emocional e social dos adolescentes.

Tabela 9 – Percepção do uso nocivo de bebidas alcoólicas

Variável	**Estatística**
Com que frequência, durante o último ano, você sentiu culpa ou remorso depois de beber?	*(n=675)*
Nunca	525 (77.78%)
Menos que uma vez ao mês	79 (11.7%)
Uma vez ao mês	33 (4.89%)
Uma vez por semana	19 (2.81%)
Todos os dias ou quase todos	19 (2.81%)
Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?	*(n=675)*
Nunca	460 (68.15%)
Menos que uma vez ao mês	110 (16.3%)
Uma vez ao mês	59 (8.74%)
Uma vez por semana	14 (2.07%)
Todos os dias ou quase todos	32 (4.74%)

TABELA 9 - CONTINUAÇÃO

Variável	**Estatística**
Alguma vez na vida você ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de você ter bebido?	*(n=675)*
Não	528 (78.22%)
Sim, durante o último ano	88 (13.04%)
Sim, mas não no último ano	59 (8.74%)
Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?	*(n=675)*
Não	496 (73.48%)
Sim, durante o último ano	107 (15.85%)
Sim, mas não no último ano	72 (10.67%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Quanto à variável *"Com que frequência, durante o último ano, você sentiu culpa ou remorso depois de beber?"*, 77,8% dos participantes afirmaram que *nunca* sentiram tais sentimentos, enquanto 11,7% relataram que isso ocorreu *menos de uma vez por mês*, 4,9% *uma vez por mês*, 2,8% *uma vez por semana* e outros 2,8% afirmaram que esse sentimento surgiu *todos os dias ou quase todos*. Esses dados indicam que, não obstante predominem os estudantes que não manifestaram sentimento de culpa (77,8%), há uma proporção relevante (22,2%) sinalizando uma percepção inicial de que o padrão de consumo adotado ultrapassa limites pessoais ou sociais aceitáveis.

Em relação à variável *"Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?"*, 68,1% responderam que nunca passaram por essa situação. Por outro lado, 16,3% afirmaram que isso ocorreu menos de uma vez por mês, 8,7% uma vez por mês, 2,1% uma vez por semana e 4,7% todos os dias ou quase todos. Este achado sugere que uma parcela relevante dos estudantes está exposta a episódios de consumo excessivo com prejuízos à memória recente, o que pode ser indicativo de um padrão de uso nocivo.

Na questão *"Alguma vez na vida você ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de você ter bebido?"*, a maioria (78,2%) respondeu negativamente. No entanto, 13% afirmaram que isso ocorreu durante o último ano e 8,7% relataram que houve esse tipo de incidente em algum momento anterior ao último ano. Tais dados reforçam que, embora em uma pequena parcela de estudantes, existe a presença de consequências concretas e possivelmente graves do uso de álcool entre os adolescentes.

Já sobre a variável *"Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?"*, 73,5% dos estudantes afirmaram que nunca receberam esse tipo de advertência. No

entanto, 15,9% disseram que isso ocorreu durante o último ano e 10,7% afirmaram que a preocupação ou advertência ocorreu em anos anteriores. Esses resultados apontam que uma parcela significativa dos estudantes já teve seu padrão de consumo percebido como preocupante por pessoas do convívio familiar, social ou profissional.

Martins *et al.* (2008) caracteriza um dos sinais clássicos do uso problemático de álcool em ambientes escolares, representando um indício claro de intoxicação significativa, a dificuldade de lembrar-se dos eventos após o consumo de álcool que na ocasião representou 31,85% dos estudantes.

Compatíveis com os achados de Martins *et al.* (2008), cuja aplicação do AUDIT em estudantes do ensino médio evidenciou a presença de consequências adversas à saúde e a convivência social entre adolescentes com padrões de consumo mais elevados, os dados obtidos pela pesquisa indicaram que 21,78% dos estudantes afirmaram já ter se machucado ou causado dano a outros em decorrência do uso de bebidas alcoólicas, e 26,52% relataram terem recebido advertência de alguém próximo ou por profissionais da saúde. Para esses autores, a recorrência de tais impactos negativos configura-se como um dos principais critérios para a identificação do uso nocivo, distinguindo-se do uso eventual ou recreativo.

Segundo os mesmos autores, a frequência e intensidade dessas ocorrências revelam a vulnerabilidade de adolescentes à banalização do consumo de álcool, especialmente quando não há barreiras normativas claras na escola, na família ou na comunidade. De forma complementar, Dallo e Martins (2011) destacam que o uso nocivo do álcool está fortemente relacionado à exposição a contextos permissivos, em que o acesso facilitado e a ausência de consequências institucionais contribuem para a manutenção e agravamento do comportamento de risco.

Assim, segundo o escore final do AUDIT, os participantes foram distribuídos nos grupos: Baixo Risco (65,9%), Risco (23.4%), Alto Risco (6,2%) e Possível Dependência (4,4%).

Tabela 10 – Escore Final AUDIT

Variável	**Estatística**
AUDIT (n=675)	
Baixo Risco	445 (65.93%)
Risco	158 (23.41%)
Alto Risco	42 (6.22%)
Possível Dependência	30 (4.44%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

O uso abusivo de álcool está frequentemente atrelado à busca por pertencimento a grupos sociais, sendo agravado pela fragilidade dos vínculos familiares e ausência de diálogo sobre o tema (Donati *et al*., 2012). Essa perspectiva amplia a compreensão de que os escores mais elevados do AUDIT não refletem apenas comportamentos individuais, mas estão inseridos em um contexto mais amplo de vulnerabilidades sociais.

Nesse sentido, Pedrosa (2009) compreende o uso nocivo como manifestação de um sofrimento psíquico resultante da desigualdade social, da invisibilidade juvenil e da falta de perspectivas, o que favorece o consumo problemático. Gomes *et al.* (2010) também apontam que fatores como baixa autoestima, ausência de projetos de vida e a banalização do uso de substâncias contribuem para elevar o risco de abuso e dependência.

Ao compararmos os resultados obtidos com os de Dallo e Martins (2011), observa-se que o percentual de indivíduos classificados como “beber de risco” nesta pesquisa (23,41%) está abaixo do encontrado pelos referidos autores (34,6%). Já em relação aos estudos de Martins *et al.* (2008) e Cruz (2006), quanto ao escore final do AUDIT, apontaram percentuais similares aos desta pesquisa, com destaque para 22,3% de estudantes em situação de uso de risco, o que corrobora a tendência de presença significativa desse padrão entre adolescentes do ensino médio.

A presença de 10,66% dos estudantes nos grupos de alto risco (6,22%) ou possível dependência (4,44%) (AUDIT ≥ 16 pontos) merecem atenção especial, pois indica padrões de uso que podem evoluir para quadros clínicos mais severos. Esse dado reforça o alerta já emitido por autores como Silva, Gimeniz-Paschoal e Martins (2011) e Vieira (2013), que destacam a importância de diagnósticos precoces e intervenções que considerem o contexto biopsicossocial dos adolescentes.

Ademais, os dados obtidos reforçam a necessidade de articulação entre escola, família e serviços de saúde para a construção de estratégias preventivas. Teixeira *et al*. (2022) defendem a importância de ações educativas pautadas no acolhimento e na escuta ativa, enquanto Cruz (2011) propõe a valorização do protagonismo juvenil na superação das práticas de risco.

Em síntese, o escore final do AUDIT evidencia que, embora a maioria dos estudantes esteja na faixa de baixo risco (65,93%), há uma parcela expressiva em situação de maior vulnerabilidade frente ao uso de álcool. Esses achados reiteram a complexidade do fenômeno e a necessidade de abordagens integradas e contextualizadas no ambiente escolar.

5.2 CARACTERÍSTICAS DOS CONTEXTOS DE USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE OS ESTUDANTES

Como já dito anteriormente, o AUDIT possibilitou identificar o grupo composto por 990 (59,5%) estudantes que “Não bebe” e o que “Bebe” com 675 (40,5%) estudantes. Os resultados aqui apresentados são referentes ao segundo grupo. Este número apresenta variações em algumas das questões respondidas, pois nem todos os participantes responderam todas as questões do questionário sobre contexto de experimentação e consumo atual de bebidas alcoólicas.

Para a compreensão do contexto atual de experimentação e consumo de bebidas alcoólicas, foram analisadas as respostas dos participantes que declararam realizar tal consumo. A discussão apresentada a seguir baseia-se nos dados obtidos por meio do instrumento deste estudo que foi disponibilizado em formato eletrônico por meio da plataforma Google Forms (Rodrigues, 2024).

Essa estratégia metodológica permitiu a análise do contexto social dos respondentes, assim como a identificação de fatores potencialmente associados ao risco ou à proteção relacionados ao uso de bebidas alcoólicas. Com o objetivo de aprofundar a análise dos contextos de experimentação e de consumo atual, o foco recaiu sobre as respostas de 675 participantes que afirmaram consumir bebidas alcoólicas.

5.2.1 Contexto da experimentação de bebidas alcoólicas

A quarta parte do questionário que compõe o instrumento deste estudo, como já descrito, é formada de 13 questões que buscam avaliar características do momento de experimentação e do consumo atual de bebidas alcoólicas. Por tratarem de aspectos vinculados ao contexto social dos participantes, algumas perguntas foram estruturadas com alternativas múltiplas e não obrigatórias e outras admitiram mais de uma opção de resposta, respeitando a diversidade de experiências e permitindo maior liberdade nas respostas.

Nesta etapa da análise, serão discutidas as questões, que abordam especificamente as circunstâncias da primeira experimentação com bebidas alcoólicas, possibilitando uma compreensão dos fatores sociais que permeiam esse evento entre os estudantes respondentes.

Tabela 11 – Primeira experimentação

Variável	Estatística
Com que idade você experimentou bebida alcoólica pela primeira vez? (n=675)	
Menor de 7 Anos	48 (7,11%)
7 a 9 anos	40 (5,93%)
10 a 12 anos	108 (16%)
13 a 15 anos	328 (48,59%)
16 a 18 anos	142 (21,04%)
Maior de 18 anos	9 (1,33%)
Qual foi a bebida que você experimentou nessa primeira vez? (n=675)	
Cerveja	232 (34,37%)
Destilados (Corote, vodka, Askov, cachaça, Velho Barreiro, whisky, saquê, tequila, Gin)	226 (33,4%)
Ices e Skol Beats	184 (27,2%)
Drink (Caipirinha, batida, chevette, Gin tônica, sex on the beach)	179 (26,5%)
Champanhe (Sidra, espumante, chuva de prata)	121 (17%)
Catuaba	49 (7,26%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

De acordo com os dados obtidos, a maioria dos estudantes afirmou ter iniciado o consumo de bebidas alcoólicas entre os 13 e 15 anos (48,59%), seguido por 21,04% entre 16 e 18 anos. Ainda, 16% iniciaram entre 10 e 12 anos, 5,93% entre 7 e 9 anos e 7,11% com menos de 7 anos, o que evidencia exposição precoce a uma substância potencialmente promotora de impactos negativos ao desenvolvimento biopsicossocial.

Santos (2018) define esse momento, denominado “uso experimental”, como o primeiro contato com o álcool na vida, configurando um marco inicial da trajetória de uso. Andrade (2023) reforça que o consumo em idade precoce está associado ao uso futuro de outras drogas, configurando um fator de risco. A pesquisa nacional do Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (ERICA, 2016) demonstrou que 24,1% dos adolescentes beberam pela primeira vez antes dos 12 anos, enquanto os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2019) indicam que o consumo experimental ocorre com até 50% dos jovens entre 12 e 14 anos.

Vendrame *et al.* (2009) apontam que iniciar antes dos 13 anos está ligado à maior probabilidade de desenvolver padrões problemáticos na vida adulta. Em consonância, Gomes, Alves e Nascimento (2010) destacam que esse início está intimamente relacionado à pressão dos pares e à baixa capacidade de regulação emocional, associado a condições como negligência familiar e falta de projeto de vida, que ampliam a vulnerabilidade ao uso nocivo (Pedrosa, 2009).

A pesquisa de Malta *et al.* (2014), com base na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), reportou que, entre estudantes de 13 a 14 anos, 35,5% dos meninos e 27,3% das meninas já haviam experimentado bebidas alcoólicas, o que vai ao encontro desta pesquisa: quase 50% de experimentação entre 13 e 15 anos, refletindo o quadro nacional.

Esses dados reforçam a urgência de ações preventivas intersetoriais, especialmente em escolas, para adiar a idade de iniciação. Como destaca Cruz (2011), intervenções baseadas no fortalecimento do autocuidado e no desenvolvimento de competências socioemocionais são mais eficazes do que políticas meramente repressivas.

Os dados mostram que, na primeira experiência alcoólica, 34,37 % dos estudantes iniciaram com cerveja, 33,4 % com destilados (como Corote, vodka e cachaça), 27,2 % com bebidas adocicadas tipo Ices/Skol Beats, 26,5 % com drinks (caipirinha, batida, gin tônica, etc.), 17 % com espumantes/sidra e 7,26 % com catuaba.

Conforme apontam Cruz, Martins e Teixeira (2009), bebidas com alto apelo sensorial – seja pelo teor alcoólico ou sabor adocicado – têm forte influência na experimentação, muitas vezes devido à ação direta do marketing e ao simbolismo de "maturidade" associado ao consumo. Isso é confirmado no presente estudo, já que a soma de cerveja (34,37%) e destilados (33,4%) correspondem a mais de 67 %, superando os percentuais correspondentes às bebidas doces (Ices, drinks e catuaba – cerca de 40 %), indicando que a iniciação muitas vezes acontece por modelos adultos de consumo e/ou acesso facilitado em festas e encontros familiares. Sanches (2010) destaca que as bebidas adoçadas funcionam como porta de entrada para que adolescentes desconhecedores de álcool se acostumem com o sabor e, ao mesmo tempo, diminuem os riscos — cenário observado na amostra, já que 27,2 % preferiram em sua primeira experiência justamente esse tipo de bebida.

Em contextos familiares ou comunitários mais permissivos, segundo Pedrosa (2009), o acesso precoce a bebidas destiladas ou tradicionais (como cachaça) está diretamente ligado a práticas sociais que não distinguem claramente limites entre consumo adulto e juvenil. O percentual de 33,4 % encontrado neste estudo sugere a presença desses contextos.

Por outro lado, Nadaleti *et al.* (2018) e Silva (2019) identificaram que adolescentes envolvidos em atividades preventivas, como grupos escolares de discussão sobre saúde ou vivências comunitárias com forte presença familiar, tendem a iniciar o consumo de bebidas alcoólicas por opções de menor teor ou, em alguns casos, a recusar deliberadamente o consumo. Esses achados indicam que contextos de proteção, que fortalecem fatores protetivos, como supervisão familiar e orientação educativa, podem reduzir a exposição precoce aos riscos associados ao álcool.

Donati *et al.* (2012) e Gomes, Alves e Nascimento (2010) ressaltam que a escolha da bebida na primeira experiência reflete a pressão de pares e o desejo de pertencimento. A preferência por cerveja pode ser interpretada como uma estratégia de conformidade social, permitindo a integração em grupos de amigos de forma socialmente aceita, enquanto o consumo de destilados tende a ocorrer em contextos de festa ou ritualização grupal, associados a experiências sociais mais intensas.

O percentual de 34,37 % dos adolescentes que iniciaram pelo consumo de cerveja evidencia que, na amostra estudada, essa bebida funciona como marcador social: permite participação em círculos de interação considerados legítimos, ao mesmo tempo em que minimiza riscos percebidos. Assim, a iniciação pelo consumo de cerveja reflete a interação entre fatores de risco, como pressão de pares, e fatores protetivos, como supervisão e orientação familiar, no contexto social e recreativo dos adolescentes.

Tratando ainda das questões iniciais sobre as circunstâncias da primeira experimentação, discutiremos a seguir os resultados obtidos sobre a companhia e o local da primeira experiência com bebidas alcoólicas.

Tabela 12 – Companhia e local da primeira experimentação

Variável	**Estatística**
Com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez? (n=673)	
Pais e/ou familiares	327 (48.59%)
Amigos/colegas	191 (28.38%)
Amigos e familiares	104 (15.45%)
Sozinho	47 (6.98%)
Não lembro	2 (0.3%)
Namorado(a)/Ex-namorado(a)	1 (0.15%)
Praia	1 (0.15%)
Onde você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?	*(n=671)*
Casa dos pais ou familiares	281 (41.88%)
Festa de família	127 (18.93%)
Festa com amigos	99 (14.75%)
Casa de amigos	85 (12.67%)
Rua/praça/lugar aberto	41 (6.11%)
Bar/barzinho	16 (2.38%)
Escola	13 (1.94%)
Shopping	3 (0.45%)
Sítio/Chácara	3 (0.45%)
No serviço	1 (0.15%)
Quiosque do condomínio	1 (0.15%)
Bairro da cidade	1 (0.15%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Com base nos dados apresentados na Tabela 12, observa-se que a maioria dos estudantes (48,59%) relatou ter experimentado bebidas alcoólicas pela primeira vez na companhia de pais e/ou familiares. Esse dado merece atenção, pois reforça o papel significativo de que o ambiente familiar desempenha tanto como fator de risco quanto como fator potencialmente protetivo, a depender do contexto e da mediação do consumo. Estudos nacionais confirmam que mais de 50% dos adolescentes iniciam o consumo de bebidas alcoólicas em ambientes privados, sobretudo em residências. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2019), 34,6% dos estudantes relataram ter consumido álcool pela primeira vez em ambientes domésticos, como a própria casa ou festas familiares.

Diversos autores discutem esse fenômeno. Donati *et al.* (2012) apontam que a permissividade familiar diante do consumo de álcool pode reforçar comportamentos de uso precoce, contribuindo para a naturalização desse hábito na juventude. Da mesma forma, Faria *et al.* (2011) e Pedrosa (2009) destacam que a ausência de limites claros e a banalização do consumo em contextos domésticos favorecem a vulnerabilidade social dos adolescentes frente ao álcool.

Por outro lado, Cruz (2011) ressalta que a família pode desempenhar um papel educativo e protetivo quando estabelece diálogos abertos, limites consistentes e atitudes preventivas diante do consumo de álcool. No entanto, quando os próprios adultos estão envolvidos no consumo, especialmente em situações festivas, o comportamento tende a ser interpretado pelos jovens como socialmente aceitável (Silva, 2019; Nadaleti *et al.*, 2018). Nesse sentido, Santos (2018) introduz o conceito de “uso social”, ou seja, o beber em companhia de outras pessoas de forma considerada aceitável no meio social, o que contribui para a legitimação do consumo ainda em fases iniciais da vida.

Quanto aos locais da primeira experimentação, predominam espaços familiares ou residenciais: “casa dos pais ou familiares” (41,88%) e “festa de família” (18,93%). Esse resultado confirma os achados de Gomes *et al.* (2010) e Vieira (2013), os quais evidenciam que o início do consumo de bebidas alcoólicas frequentemente ocorre em ambientes considerados seguros, como o contexto familiar. No entanto, esses espaços podem, de forma contraditória, funcionar como facilitadores do uso precoce, sobretudo devido ao exemplo e à permissividade dos adultos presentes.

Comparativamente, dados semelhantes foram observados por Cruz (2006), em que parte significativa dos jovens entrevistados mencionou o ambiente familiar como o principal local de iniciação. Rodrigues (2024) também reforça que o contexto de socialização inicial (muitas

vezes mediado por figuras de autoridade e afeto) influencia diretamente na forma como o jovem se relaciona com o álcool ao longo da vida.

A presença de amigos ou colegas na primeira experimentação (28,38%) também se destaca como fator de risco social, como indicado por Dallo e Martins (2011) e Sanches (2010). A pressão do grupo de pares, a busca por pertencimento e a aceitação social são fatores amplamente reconhecidos como influenciadores do comportamento juvenil, especialmente quando associados à experimentação de substâncias psicoativas. Paiva *et al.* (2015) apontam, inclusive, uma média de idade de 10 anos para o primeiro consumo de álcool, ressaltando que, quando esse ocorre na companhia do melhor amigo, tende a estar associado ao padrão de consumo do tipo *binge*. Por outro lado, os autores destacam que esse padrão não se repete quando a experimentação acontece no contexto familiar (com pai, mãe ou irmãos), evidenciando, assim, a importância do contexto da companhia no desenvolvimento dos hábitos de consumo.

Assim, os dados reforçam a complexidade do contexto social no qual o consumo de álcool se insere, sendo necessário compreendê-lo de forma intersetorial e integrada, envolvendo família, escola e comunidade como agentes promotores de saúde e prevenção, conforme sugerem Cruz, Martins e Silva (2022) e Teixeira *et al.* (2022).

5.2.2 Contexto do uso atual de bebidas alcoólicas

A análise do consumo atual de bebidas alcoólicas entre os estudantes participantes deste estudo constitui uma etapa essencial para a compreensão dos padrões de uso e suas possíveis implicações no contexto escolar e social. Essa investigação permite identificar comportamentos de risco, fatores protetivos e vulnerabilidades associadas ao uso contínuo de substâncias lícitas durante a adolescência, fase marcada por transformações biopsicossociais e pela construção de identidade.

Nesse sentido, os dados obtidos por Rodrigues (2024), por meio da aplicação do instrumento, aliado à literatura, permite compreender como se dá o consumo atual de álcool no cotidiano dos adolescentes investigados, revelando padrões, motivações, contextos de uso e possíveis implicações educativas e preventivas.

Tabela 13 – Companhia durante o consumo de bebidas alcoólicas

Variável	**Estatística**
Com quem você costuma beber?	*(n=672)*
Amigos/colegas	232 (34.52%)
Amigos e familiares	213 (31.7%)
Pais e/ou familiares	186 (27.68%)
Sozinho	35 (5.21%)
Companheiro/Companheira	3 (0.45%)
Amigos e familiares	1 (0.15%)
Marido	1 (0.15%)
Nunca	1 (0.15%)
Pense no dia em que você mais bebeu. Quando foi?	*(n=675)*
Antes do último ano (Antes do Ano passado)	90 (13.33%)
No último ano (Ano Passado)	236 (34.96%)
Nos últimos 6 meses	145 (21.48%)
Nos últimos 30 dias	204 (30.22%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

A análise da companhia durante o consumo atual de bebidas alcoólicas revela aspectos relevantes do contexto social dos estudantes participantes. Conforme mostram os dados, a maioria dos respondentes declarou consumir álcool principalmente com amigos ou colegas (34,52%) e em contextos que envolvem tanto amigos quanto familiares (31,70%). Além disso, 27,68% relataram beber exclusivamente com pais e/ou familiares, enquanto 5,21% afirmaram beber sozinhos.

Esses dados evidenciam que o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes ocorre majoritariamente em situações sociais, o que reforça o conceito de “uso social” do álcool, como discutido por Santos (2018). O mesmo autor também define o “uso recreativo” como aquele voltado ao relaxamento, sem necessariamente implicações imediatas à saúde. Para Romera, Ortuzar e Quintana (2020), esses momentos são definidos como “contextos recreativos”, em que parte do consumo de bebidas alcoólicas acontece como contextos de lazer com finalidade recreativa. No entanto, quando inserido em contextos de repetição e permissividade, esse uso pode transitar para padrões mais arriscados. A companhia dos pares, especialmente de melhores amigos, está associada a padrões de consumo do tipo *binge drinking*, caracterizados pelo consumo intenso em um curto período de tempo. Por outro lado, o consumo realizado em ambiente familiar tende a apresentar menor relação com esse padrão nocivo, sendo mais comum em contextos de maior supervisão e controle (Paiva *et al*.; 2015).

No que se refere à frequência do consumo, os dados demonstram que 30,22% dos participantes afirmaram que o dia em que mais beberam ocorreu nos últimos 30 dias, enquanto 21,48% indicaram os últimos seis meses, 34,96% no último ano e 13,33% antes disso. Tais informações validam estudos como os de Martins *et al.* (2010) e Cruz (2006), que identificam uma alta prevalência de consumo recente entre estudantes do Ensino Médio. Esses padrões, quando analisados sob a perspectiva dos fatores de risco e proteção, indicam que a presença de pares pode funcionar como fator de risco em contextos de permissividade, enquanto o ambiente familiar pode exercer influências distintas, dependendo do grau de supervisão e dos valores associados ao consumo (Donati *et al*., 2012; Jomar; Abreu; Griep, 2014a; Nadaleti *et al*., 2018). Além disso, os dados reforçam a tese defendida por Cruz (2011) ao evidenciar que o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes está inserido em um contexto social mais amplo, no qual o comportamento de pares e familiares atua como facilitador ou inibidor do uso, a depender das normas, da comunicação e dos limites estabelecidos no convívio cotidiano.

Conforme apontado por Cruz (2011) e Teixeira *et al.* (2022), estratégias de prevenção devem considerar esses contextos sociais, promovendo ações educativas que estimulem o autocuidado, o diálogo intergeracional e a criação de espaços seguros para que os adolescentes possam refletir criticamente sobre o uso do álcool. Assim, os dados da presente pesquisa reforçam a importância de intervenções que considerem tanto os ambientes familiares quanto os grupos de pares como espaços centrais na construção de práticas protetivas frente ao consumo de substâncias.

O consumo solitário de bebidas alcoólicas apresenta-se, com frequência, como um indicativo de padrões mais nocivos de uso, estando associado ao abuso e à possível dependência, especialmente por ocorrer em contextos marcados por baixa supervisão e elevada vulnerabilidade emocional (Paiva *et al*., 2015). Estudos de Jomar, Abreu e Griep (2014a) e Silva, Gimenez-Paschoal e Martins (2011) corroboram essa compreensão ao apontarem que o ato de beber sozinho pode configurar uma estratégia subjetiva de enfrentamento de sentimentos como isolamento, tristeza ou estresse, sendo, portanto, frequentemente relacionado a manifestações de sofrimento psíquico. Na tabela a seguir, apresentam-se os dados extraídos do questionário aplicado, os quais possibilitam uma análise mais aprofundada sobre essa forma específica de consumo entre os adolescentes participantes da pesquisa.

Tabela 14 – Consumo de bebidas alcoólicas sem companhia

Variável	**Estatística**
	(n=675)
Você bebe quando está sozinho?	
Nunca	325 (48.15%)
Às vezes	290 (42.96%)
Muitas vezes	34 (5.04%)
Sempre	26 (3.85%)
Diga-me, quando foi a última vez que você bebeu sozinho (a)?	*(n=350)*
Nos últimos 30 dias	197 (56.29%)
Nos últimos 6 meses	70 (20%)
No último ano (Ano Passado)	62 (17.71%)
Antes do último ano (Antes do Ano Passado)	21 (6%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

Os dados obtidos na Tabela 14 revelam que, entre os 675 estudantes do ensino médio participantes da pesquisa, 48,15% afirmaram nunca consumir bebidas alcoólicas sozinhos, enquanto 42,96% relataram fazê-lo "às vezes", 5,04% "muitas vezes" e 3,85% "sempre". Dentre os 350 participantes (48,15%) que relataram já ter consumido álcool sem companhia, 56,29% o fizeram nos últimos 30 dias, 20% nos últimos seis meses, 17,71% no último ano e 6% em momentos anteriores ao ano passado. Esse padrão de comportamento tem sido amplamente discutido na literatura como um fator de risco relevante para adolescentes. Conforme destacado por Paiva *et al.* (2015), o consumo solitário está associado ao uso abusivo, ao padrão "binge drinking" e à maior dificuldade de controle sobre a ingestão de álcool. Silva, Gimenez-Paschoal e Martins (2011) reforçam que beber sozinho pode representar uma forma disfuncional de lidar com emoções negativas, como ansiedade, tristeza ou frustração, frequentemente indicando sofrimento psíquico latente.

Jomar, Abreu e Griep (2014a) também chamam atenção para a vulnerabilidade emocional que permeia o consumo solitário, especialmente quando associado à ausência de supervisão familiar ou de redes de apoio social. Nessa mesma direção, Donati *et al.* (2012) observam que adolescentes em contextos de vínculos frágeis ou negligência parental têm maior propensão a recorrer ao álcool de maneira autônoma e silenciosa, potencializando o risco de dependência.

Embora o ambiente familiar possa ser um espaço de proteção, Nadaleti *et al.* (2018) ressaltam que, em contextos de permissividade ou omissão, esse espaço pode perder sua função reguladora, favorecendo a prática de beber sem companhia. Tal risco é acentuado em situações de invisibilidade social e ausência de perspectivas, conforme problematizado por Pedrosa

(2009) e Vieira (2013), que associam o uso de substâncias lícitas ao enfraquecimento das conexões sociais e institucionais.

Nesse contexto, o consumo solitário difere substancialmente do que Romera *et al.* (2020) classifica como "contextos recreativos", compreendido como aquele orientado à socialização e sem impactos diretos à saúde. Ao contrário, o beber sozinho se aproxima do que Cruz (2011) entende como uso simbólico do álcool para compensar carências emocionais ou sociais, o que sinaliza a necessidade de intervenções intersetoriais mais sensíveis ao cotidiano juvenil.

A atuação da escola, conforme apontado por Teixeira *et al.* (2022), pode ser um fator protetivo fundamental, sobretudo quando oferece espaços de escuta, pertencimento e construção de sentido. Assim, os dados aqui apresentados reforçam a importância de identificar precocemente os estudantes que recorrem ao álcool em contextos de solidão, possibilitando ações preventivas que considerem não apenas o comportamento, mas também as condições emocionais e sociais que o sustentam.

Considerando apenas os 350 estudantes que relataram ter consumido bebidas alcoólicas de forma solitária, procedeu-se à investigação sobre o momento em que ocorreu o último episódio de consumo solitário, bem como os motivos que levaram a tal prática. As informações referentes a esses aspectos são apresentadas e analisadas a seguir, visando caracterizar os principais cenários e fatores associados ao consumo de álcool em situação solitária entre os participantes desta pesquisa. Trataremos da motivação para beber, esta questão foi formulada para ser respondida de forma alternativa, com algumas respostas pré-estabelecidas, porém com a opção aberta para outros motivos, portanto, algumas respostas foram dadas nesta última opção com a descrição do motivo.

Tabela 15 – Motivos relatados para o consumo de bebidas alcoólicas em situação solitária

Por que você bebeu nessa ocasião?	*(n=350)*
Porque quis/ sentiu vontade	233 (66.57%)
Sem motivo específico	27 (7.71%)
Para esquecer problema/porque estava triste	22 (6.29%)
Para comemorar/Porque estava feliz	21 (6%)
Porque gosta do sabor	18 (5.14%)
Para se divertir	13 (3.71%)
Para experimentar	6 (1.71%)
Porque os amigos estavam bebendo	1 (0.29%)
Por insistência do grupo	4 (1.14%)
Outros	5 (1,45%)

Fonte: elaborada pela autora (2025).

A análise dos motivos relatados pelos adolescentes para o consumo solitário de bebidas alcoólicas revela dimensões importantes dos significados atribuídos ao ato de beber. Entre os 350 estudantes que indicaram já ter consumido álcool sem companhia, a maioria afirmou ter bebido "porque quis/sentiu vontade" (66,57%), sugerindo uma motivação centrada na autonomia da escolha e na autopercepção de controle do ato. No entanto, essa forma de resposta, apesar de aparentemente neutra, pode mascarar elementos subjetivos mais profundos, como tentativa de enfrentamento emocional ou busca por alívio de tensões internas, conforme discutem Cruz (2011) e Donati *et al.* (2012).

Uma parcela expressiva dos respondentes também relatou ter bebido "para esquecer problemas/porque estava triste" (6,29%) ou "sem motivo específico" (7,71%). Essas respostas, ainda que minoritárias, indicam possíveis situações de vulnerabilidade emocional e uso do álcool como estratégia compensatória diante de sofrimentos psíquicos, como descrito por Silva, Gimenez-Paschoal e Martins (2011) e por Jomar, Abreu e Griep (2014a). Tais padrões corroboram o que Pedrosa (2009) classifica como uso nocivo vinculado a sofrimento emocional não elaborado, especialmente em contextos de invisibilidade ou desamparo social.

Outros motivos também mencionados, como "para comemorar/porque estava feliz" (6%), "porque gosta do sabor" (5,14%) ou "para se divertir" (3,71%), indicam o contexto recreativo (Romera *et al.*; 2020), voltado à satisfação pessoal e ao relaxamento, sem necessariamente configurar um padrão de risco imediato. No entanto, mesmo nesses casos, o consumo de bebidas alcoólicas quando se está sozinho pode ser um indicativo de fragilidade nos vínculos sociais, conforme apontado por Nadaleti *et al.* (2018) e Vieira (2013).

O conjunto de respostas revela, portanto, a pluralidade de sentidos atribuídos ao beber sozinho, indo desde o desejo consciente e o prazer sensorial até a tentativa de enfrentamento de angústias e sofrimentos. Esse espectro de motivações confirma os achados de Diemen (2006) e Pereira (2011), que reconhecem o consumo de álcool na juventude como um fenômeno multifacetado, influenciado por questões individuais, familiares, culturais e institucionais.

Diante disso, torna-se evidente a importância de estratégias preventivas que articulem o olhar atento à singularidade de cada estudante, à escuta qualificada nas instituições escolares e à promoção de práticas de pertencimento e autocuidado, como sugerem Teixeira *et al.* (2022) e Cruz (2011). Reconhecer os motivos que levam adolescentes ao consumo solitário é um passo essencial para a construção de ações educativas que transcendem a lógica proibitiva e se baseiam em vínculos, afetos e construção coletiva de sentidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa contou com dois momentos relevantes para a construção desta Dissertação. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico, que buscou identificar e conhecer os estudos realizados nas últimas duas décadas, que tratam dos contextos sociais, podendo assim caracterizar o perfil sociodemográfico e comportamental dos estudantes que consomem bebidas alcoólicas, compreendendo os fatores de risco e fatores protetivos. No segundo momento, a partir da aplicação do AUDIT (Méndez, 1999), que avalia os aspectos envolvendo quantidade, frequência e os riscos do consumo de bebidas alcoólicas. Além do AUDIT, foi aplicado um questionário inspirado em Cruz (2006), este utilizado para investigar o contexto do consumo com a intenção de compreender as circunstâncias da primeira experimentação e do beber atual.

A análise dos hábitos de consumo de bebidas alcoólicas na pesquisa revelou informações importantes sobre o comportamento dos estudantes.

No cenário mais amplo do consumo de álcool no Brasil, os dados aqui encontrados confirmam a tendência já discutida por estudos nacionais, como o VIGITEL (Ministério da Saúde, 2023), o PeNSE (IBGE, 2021) e o Panorama 2024 (CISA, 2024), que apontam para o aumento progressivo do consumo entre jovens. A flexibilização das normas de publicidade, a ausência de fiscalização efetiva sobre a venda de bebidas alcoólicas para menores e a romantização do uso em diferentes mídias agravam ainda mais esse quadro (Pinsky; Jundi, 2008; Cruz; Rodrigues; Seles, 2024). Tais aspectos demonstram a necessidade urgente de políticas públicas mais rigorosas e integradas, que levem em consideração as especificidades regionais, culturais e sociais dos adolescentes brasileiros.

Quanto à vulnerabilidade dos adolescentes para o consumo de álcool, observou-se que, além da pressão social, outros elementos como a impulsividade (Andrade, 2023), a exposição à violência ou ao abandono afetivo (Sousa *et al*., 2020; Podoiano, 2019), e a tentativa de lidar com sentimentos como tristeza, solidão e frustração (Santos; Opaleye; Noto, 2018), aparecem como fatores que agravam o risco de consumo em situações solitárias, como verificado nos dados obtidos nesta pesquisa. Essa condição reforça a importância de pensar o consumo de álcool como prática não apenas social, mas também individual, que pode esconder demandas emocionais não verbalizadas.

Sob a perspectiva dos fatores de risco e fatores protetivos, a pesquisa mostrou que a experimentação e o uso recorrente de álcool estão mais associados a contextos de baixa supervisão familiar, conflitos afetivos e início precoce do consumo, como já discutido por

Diemen (2006), Donati *et al.* (2012) e Nadaleti *et al.* (2018). Em contraponto, fatores como o diálogo familiar, atividades de lazer saudáveis e a presença de vínculos afetivos fortalecidos no ambiente escolar e comunitário se mostraram como importantes elementos de proteção, conforme apontado por Chimeli *et al.* (2016), Faria (2016) e Silva (2019). Os dados reforçam ainda a necessidade de estratégias preventivas que envolvam tanto a escola quanto a família em uma atuação conjunta e contínua.

No que diz respeito ao contexto social, a pesquisa evidenciou que a presença de amigos, figura como elemento central tanto na experimentação quanto no consumo atual, aponta a influência do grupo de pares como relevante para a adesão ao uso de substâncias corroborando os estudos de Mezzaroba (2006); Silva, Gimenez-Paschoal e Martins (2011); e Machado *et al.* (2018). A permissividade social em ambientes de lazer, a naturalização do consumo pela mídia e pela cultura do "esquenta" (Romera; Freitas; Mion, 2023), e a ausência de supervisão parental consistente (Moreno; Ventura; Brêtas, 2009; Paiva *et al*., 2015) foram identificados como elementos significativos na construção de uma realidade em que o álcool se insere de forma precoce e desprotegida na vida dos adolescentes.

O levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa evidenciou a existência de uma ampla produção científica sobre a temática do consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes. Identificaram-se diversos estudos abordando essa problemática sob diferentes perspectivas, com destaque para o contexto social em que os jovens estão inseridos. No entanto, observou-se ainda haver lacunas significativas a serem exploradas, sobretudo no tocante ao consumo por adolescentes e às especificidades dos padrões de consumo — como a frequência, os momentos em que ocorre e as motivações subjacentes ao ato de beber —, bem como à compreensão aprofundada dos fatores de risco e de proteção que influenciam tais comportamentos. Esses aspectos demonstram a necessidade de ampliar as discussões e investigações sobre o tema.

A aplicação do instrumento composto pelo AUDIT (Méndez, 1999) e pelo questionário que investigou o contexto social de consumo de álcool possibilitou a identificação das condições relacionadas à experimentação e as características do beber atual. Com a aplicação deste instrumento em 10 escolas públicas de São José do Rio Preto, envolvendo 1.665 estudantes, foi possível traçar um panorama dos padrões de consumo, idade de experimentação, locais e companhias associadas ao beber, bem como motivações subjetivas que permeiam tais comportamentos.

Embora a maioria dos entrevistados tenha indicado que são abstêmios, identificou-se uma porcentagem relevante de estudantes consumidores de álcool, o que sugere a necessidade de mais estudos e ações mais significativas pensando no consumo de álcool por estudantes.

A pesquisa nos mostrou que a idade de experimentação que prevalece é entre 13 e 15 anos e a bebida na primeira experimentação é a cerveja. Donati e autores (2012) e Gomes, Alves e Nascimento (2010) supõe que a cerveja é escolhida na primeira experimentação pela maioria, refletindo a pressão dos pares e o desejo de pertencimento. Essa primeira experiência ocorre na presença dos pais ou responsáveis, em festas de família, o que nos chama a atenção ao papel relevante do ambiente familiar para o adolescente, pois este pode ser considerado fator protetivo, quando estabelecidos diálogos claros e significativos sobre o consumo de bebidas (Cruz, 2011), mas também como fator de risco a depender da permissividade familiar, a naturalização do hábito e da ausência de limites claros (Donati *et al*., 2012; Faria *et al.*, 2011; Pedrosa, 2009; Silva, 2019; Nadaleti *et al.*, Santos, 2018). Essas informações nos rememoram as propostas sugeridas por Cruz *et al.* (2022) e Teixeira *et al.* (2022), em que é reforçada a ideia de complexidade do contexto social, sendo necessário a integralização intersetorial em políticas de prevenção.

Evidenciamos também que o consumo de álcool entre as meninas (45,19%) é maior do que entre os meninos (35,54%). Esses dados convergem com os da pesquisa de Dallo e Martins (2011) e de Donati *et al.* (2012). Esses pesquisadores, há pouco mais de uma década, já previam, com certa preocupação, o crescente número de meninas consumindo álcool da mesma forma que os meninos. Tal preocupação decorre do conhecimento que os efeitos fisiológicos do álcool no organismo feminino e masculino, já que há diferenças na composição corporal e no metabolismo entre eles.

Quando analisamos o comportamento referente à forma de beber, pôde-se observar que existe uma parcela significativa de estudantes com padrão de consumo regular, sendo que a maioria, de acordo com o escore final do AUDIT, apresenta padrão de baixo risco (65,93%%), mas não podemos deixar de considerar que 23,41% dos entrevistados apresentam comportamentos de Risco para o consumo de álcool, Alto risco 6,22%, e ainda 4,44% apresentarem características de possível dependência. Somando os três padrões de consumo, constatados pelo AUDIT, temos 34,07% dos estudantes vulneráveis a todos os riscos associados ao consumo do álcool.

Também foi constatada na pesquisa a ocorrência do chamado beber sozinho, associado a indicadores emocionais de sofrimento e baixa supervisão social, revelando a existência de vulnerabilidades silenciosas que desafiam as estratégias tradicionais de prevenção.

Relacionado ao beber atual, a pesquisa revelou que a maioria dos participantes bebem na companhia de amigos e que 30,22% tiveram um episódio de *binge drinking* nos últimos 30 dias anteriores à aplicação do instrumento, reforçando o "beber social" e o "beber recreativo" discutido por Santos (2018). A partir destes resultados, podemos considerar que o consumo de bebidas alcoólicas em companhia de amigos e/ou colegas é um fator de risco, pois o comportamento dos pares tem influência no comportamento dos adolescentes, consoante a literatura. Isso também reforça a ideia da importância da Intervenção Breve que considere o ambiente onde o adolescente está inserido (Martins *et al*., 2010; Cruz, 2006; Donati *et al.*, 2012; Jomar; Abreu; Griep, 2014; Nadaleti *et al*., 2018; Cruz, 2011; Teixeira *et al*.,2022, Cruz; Martins; Silva, 2022).

O uso do AUDIT permitiu mapear perfis de consumo que vão desde o uso de baixo risco até casos de possível dependência (Martins *et al*., 2008; Dallo e Martins, 2011), reforçando a importância da triagem precoce e da implementação de práticas pedagógicas e de saúde escolar que dialoguem com as reais necessidades dos adolescentes. Conforme apontado por Chimeli *et al.* (2016) e Faria (2016), a presença de vínculos escolares positivos, programas de prevenção baseados na escuta ativa e a valorização de projetos de vida constituem elementos fundamentais na construção de fatores protetivos.

Apesar das contribuições relevantes oferecidas por esta pesquisa para o campo do ensino e processo formativo, reconhecem-se algumas limitações a serem consideradas na interpretação dos resultados e no delineamento de futuras investigações. A primeira delas refere-se ao fato de que o estudo foi desenvolvido em apenas um município, São José do Rio Preto (SP), com amostragem composta por estudantes do Ensino Médio de dez escolas públicas. Embora o número total de participantes tenha sido expressivo (n=1.665), a delimitação geográfica restringe a generalização dos dados para outras realidades socioculturais e econômicas do país, que podem apresentar contextos significativamente distintos quanto ao consumo de álcool entre adolescentes.

Por fim, esta pesquisa oferece subsídios importantes para o planejamento de políticas públicas e programas educacionais voltados à prevenção do uso precoce de substâncias psicoativas, especialmente em ambientes escolares. Ao evidenciar a influência do contexto social e das interações interpessoais no comportamento de consumo, este estudo contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas contextualizadas, que reconheçam o adolescente como sujeito histórico, ativo e vulnerável — e, portanto, merecedor de atenção, cuidado e escuta qualificada.

REFERÊNCIAS

AGRESTI, Alan. **An Introduction to Categorical Data Analysis**. New York: John Wiley & Sons, 2007.

AMPARO, Deise Matos do; GALVÃO, Afonso Celso Tanus; ALVES, Paola Biasoli; BRASIL, Katia Tarouquella; KOLLER, Silvia Helena. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia,** 13(2), p. 165-174, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/gsdKxqMDzFXQDjr5TVSvqbp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 22 ago. 2024.

ANDRADE, Arthur Guerra de (org.). **Álcool e a saúde dos brasileiros:** Panorama 2024. São Paulo: CISA – Centro de Informações sobre Saúde e Álcool, 2024. 98 p. il. Disponível em: https://cisa.org.br/biblioteca/downloads/artigo/item/485-panorama2024 . Acesso em: 21 abr. 2025.

ANDRADE, Filipe Reis Teodoro. **Impulsividade, uso de álcool e outras drogas em adolescentes brasileiros e equatorianos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/262608 . Acesso em: 05 fev. 2025.

ANJOS, Karla F. dos; SANTOS, Vanessa C.; ALMEIDA, Orbetal da S. Caracterização do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.36, n. 2, p. 418-418, 2012. Disponível em: https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/468 Acesso em 21 abr. 2023.

ARRUDA, Patrycia Sarah Martins. **Características individuais e contextuais associadas ao uso de álcool entre escolares brasileiros:** um estudo de base escolar. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31588/3/CaracteristicasIndividuaisContextuais.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Critério de Classificação Econômica Brasil – 2024**. São Paulo: ABEP, 2024. Disponível em: https://abep.org/wp-content/uploads/2024/09/01_cceb_2024.pdf. Acesso em: 9 mar. 2025.

AYRES, José Ricardo de C. M.; FRANÇA JÚNIOR, Ivan; CALAZANS, Gabriela J.; SALETTI FILHO, Hamilton C. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, Dina (Org.). **Promoção da saúde:** conceitos, reflexões, tendências. 2. ed., Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117–139. Disponível em: https://materiais.ead.fiocruz.br/especializacao/gestao-em-saude/percurso/documents/ANEXO2-O_Conceito_de_Vulnerabilidade.pdf . Acesso em: 5 jul. 2025.

BABOR, Thomas F.; HIGGINS-BIDDLE, John C.; SAUNDERS, John B.; MONTEIRO, Maristela G. **AUDIT - The Alcohol Use Disorders Identification Test**: guidelines for use in primary health care. Geneva: World Health Organization, 2001. (WHO/MSD/MSB/01.6a). Disponível em: https://www.paho.org/sites/default/files/Auditmanual_ENG.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.

BARROSO, Teresa; MENDES, Aida; BARBOSA, António. Analysis of the alcohol consumption phenomenon among adolescents: study carried out with adolescents in intermediate public education. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 17, n. 3, p. 347–353, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000300011. Acesso em: 13 de ago. de 2024.

BEM, Ivan P. de; DELDUQUE, Maria C.; SILVA, José A. Á. Como pensam os parlamentares brasileiros sobre álcool, tabaco e drogas: uma investigação no Congresso Nacional. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 15, p. 45-52, 2016. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41902. Acesso em 22 abr. 2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.096 de 13 de julho de 1990 – alterada pela Lei nº 13.106 de 17 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13106.htm. Acesso em 22 abr. 2023.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório Brasileiro sobre Drogas.** Brasília: SENAD, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/arquivo-manual-de-avaliacao-e-alienacao-de-bens/SumarioExecutivoIIRelatrioBrasileirosobreDrogas.pdf . Acesso em: 4 mai. 2025.

BRITES, Riany Moura Rocha; ABREU, Angela Maria Mendes; PORTELA, Luciana Fernandes. **A redução do consumo de álcool entre trabalhadores utilizando a intervenção breve**. Repositório Institucional da Fiocruz - ARCA, 2019. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/36135. Acesso em: 15 mar. 2025.

CHIMELI, Inês Valéria; DESLANDES, Suely Ferreira; MOTA, Jorge Luiz. **A abstração do risco e a concretude dos sujeitos:** uma reflexão sobre os comportamentos de risco no contexto da adolescência. Repositório Institucional da Fiocruz – ARCA, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16169. Acesso em: 15 mar. 2025.

CISA – CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL. **Panorama do consumo de álcool no Brasil – 2024**. São Paulo: CISA, 2024. Disponível em: https://www.cisa.org.br/. Acesso em: 04 mai. 2025.

COHEN, Jacob. **Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1988.

COHEN, Jacob. Statistical Power Analysis. **Current Directions in Psychological Science**, 1 (3), p. 98–101, 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1111/1467-8721.ep10768783. Acesso em: 10 fev. 2025.

CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária. **Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária**. 2021. Disponível em: http://www.conar.org.br/pdf/codigo-conar-2021_6pv.pdf. Acesso em: 09 mar. 2025.

COUTINHO, Evandro Silva Freire *et al*. ERICA: padrões de consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 1, p. 1s–9s, 2016. Disponível em: https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/9288. Acesso em: 29 jun. 2025.

CRUZ, Luciana A. N. **Uso de álcool e julgamento sócio-moral de estudantes do ensino médio**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90206. Acesso em: 17 abr. 2023.

CRUZ, Luciana A. N., MARTINS, Raul A.; SILVA, Izabella A. (Orgs). **Meus alunos estão bebendo! E agora?**. 1ª ed., Bauru, São Paulo: Gradus Editora, 2022. Disponível em: https://www.graduseditora.com/alunos-bebendo. Acesso em 17 abr. 2023.

CRUZ, Luciana A. N.; MARTINS, Raul A.; TEIXEIRA, Patrícia S. Julgamento sócio-moral entre estudantes que fazem uso de bebidas alcoólicas: aceitabilidade, categorias de justificação e jurisdição de autoridade. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v.5, p. 1-14, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762009000200003 Acesso em 20 abr. 2023.

CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira da. **As implicações do curso de formação continuada sobre consumo de álcool**: uma proposta de intervenção breve aplicada por professores. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/1c5a8afc-acd7-4936-bb24-d1ae4a90174a. Acesso em: 29 abr. 2025.

CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira da; RODRIGUES, Mariana Camerão; SELES, Thiago Pestillo. Beba sem moderação: motivos das denúncias dos anúncios de cerveja ao Conar. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, abr./jun., p. 378–392, 2024. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/65106?show=full. Acesso em: 25 nov. 2024.

DALLO, Luana; MARTINS, Raul Aragão. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 91–98, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.14282015 . Acesso em: 28 jun. 2025.

DALLO, Luana; MARTINS, Raul Aragão. Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, p. 329-334, 2011. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/08226757-e51f-42a6-85cc-94f601dd970a. Acesso em: 29 abr. 2025.

DIEMEN, Lisia Von. **Associação entre impulsividade, idade do primeiro consumo de álcool e abuso de substâncias psicoativas em adolescentes de uma região do sul do Brasil**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10073 . Acesso em: 29 abr. 2025.

DONATI, Fabiana Augusta; PARREIRA, Graziela Vanessa; DALLO, Luana; MARTINS, Raul Aragão. Condutas de risco em jovens mulheres: álcool e sexo não seguro, temas necessários na formação de professores. **Plures Humanidades**, v. 13, n. 2, p. 257-274, 2012. Repositório Institucional Unesp, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/0a03190d-1bb4-4dbb-ab4d-cb30119a90e1. Acesso em: 29 abr. 2025.

FARIA, Hugo de C. O despertar da adolescência. **AdvanceCare**, 2022; Disponível em: https://advancecare.pt/para-si/blog/artigos/o-despertar-da-adolescencia. Acesso em: 22 abr. 2023.

FARIA, Maria Luisa Vichi de Campos. **A avaliação da efetividade de um modelo de intervenção breve (método BASICS) para o uso de risco de álcool em estudantes do ensino médio**. 2016. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cb67396d-578d-418e-9f38-d76cfb45aed0. Acesso em: 29 abr. 2025.

FARIA, Roberta; VENDRAME, Alan; SILVA, Rebeca de Souza e; PINSKY, Ilana. **Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes**. Revista de Saúde Pública, v. 45, p. 441-447, 2011. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2168024675. Acesso em: 20 fev. 2025.

GABIRA, Fernanda Garcia. **Fatores associados ao consumo do álcool por adolescentes brasileiros:** análise multinível. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/items/e540493d-c433-4429-8329-3e33322cb6ff. Acesso em: 20 fev. 2025.

GOMES, Betânia da Mata Ribeiro; ALVES, João Guilherme Bezerra; NASCIMENTO, Lucila Castanheira. Consumo de álcool entre estudantes de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, p. 706-712, 2010. Portal de Periódicos da Capes, 2010. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2136176723. Acesso em: 20 fev. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf. Acesso em: 4 mai. 2025.

JOMAR, Rafael Tavares; ABREU, Ângela Maria Mendes; GRIEP, Rosane Harter. Padrões de consumo de álcool e fatores associados entre adultos usuários de serviço de atenção básica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n.1, p. 27-37, 2014a. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10314 . Acesso em: 15 mar. 2025.

JOMAR, Rafael Tavares; ABREU, Ângela Maria Mendes; GRIEP, Rosane Härter. Caracterização do consumo de álcool de uma população adscrita à estratégia Saúde da Família. **Esc. Anna Nery**, v. 18, n. 1, p. 96-100, 2014b. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/11928. Acesso em: 27 dez. 2024.

KHOURI, Nayara David Mendes Alcanfor Agapito. **Uso de drogas na adolescência: associações com sexo, práticas parentais, autoeficácia e perspectiva de tempo futuro**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/22358. Acesso em: 20 agosto de 2023.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana; ZALESKI, Marcos; CAETANO, Raul. **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Secretaria Nacional Antidrogas. Brasília, Distrito Federal, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf. Acesso em 18 abr. 2023.

MACHADO, Ísis Eloah; FELISBINO-MENDES, Mariana Santos; MALTA, Déborah Carvalho; VELÁSQUEZ-MELÉNDEZ, Gustavo; FREITAS, Maria Imaculada de Fátima; ANDREAZZI, Marco Antonio Ratzsch de. Supervisão dos pais e o consumo de álcool por adolescentes brasileiros: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, n. suppl 1, p. e180005, 2018. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2902069706. Acesso em: 20 fev. 2025.

MALTA, Débora C; MASCARENHAS, Márcio D. M.; PORTO, Denise L.; BARRETO, Sandhi M.; NETO, Otaliba L.M. A exposição do álcool entre os escolares e os fatores associados. **Revista Saúde Pública**, 2014. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/rsp/2014.v48n1/52-62/pt/. Acesso em 22 abr. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Raul Aragão; CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira. **Desenvolvimento sócio-moral e condutas de risco em adolescentes**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

MARTINS, Raul Aragão; MANZZATO, Antonio José; CRUZ, Luciana Nogueira da; POIATE, Suzy Mary Granzoto; SCARIN, Ana Carla Cividanis Furlan. Utilização do Alcohol Use Disorders Identification Test (Audit) para Identificação do Consumo de Álcool entre Estudantes do Ensino Médio. **Interamerican Journal of Psychology,** v. 42, n. 2, p. 307-316, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c7f5c1dd-7591-4422-b974-eae6903f8a47/content. Acesso em 25 mar. 2025.

MARTINS, Raul Aragão; PARREIRA, Graziela Vanessa; CRUZ, Luciana A. Nogueira; SILVA, Izabella Alvarenga. **Expectativas sobre os efeitos do uso de álcool e padrão de beber em alunos de ensino médio. SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/77b58056-1c11-42fe-bc5e-35a7e8b66ad5/content. Acesso em: 15 mar 2024.

MARTINS, Raul Aragão; RIBEIRO, Camila Fernandes; CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira. Depressão e consumo de álcool em adolescentes: análise da produção no período de outubro de 2008 a março de 2017. **Rev. Aten. Saúde**, São Caetano do Sul, v. 17, n. 60, abr./jun., p. 91-100, 2019. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/5250/pdf. Acesso em 15 mar 2024.

MENDEZ, Eduardo Brod. **Uma versão brasileira do AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test)**. Dissertação de Mestrado. 1999. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Social. 1999. 120 p. Disponível em: https://pergamum.ufpel.edu.br/acervo/10761/. Acesso em 28 mai. 2025.

MEZZAROBA, Solange Maria Beggiato. **Bebidas alcoólicas na adolescência: relação entre uso e domínios sociais**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/91112a0b-94ab-405f-a1ff-70d993e089de/content . Acesso em: 29 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Vigitel Brasil 2023: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigitel/vigitel-brasil-2023-vigilancia-de-fatores-de-risco-e-protecao-para-doencas-cronicas-por-inquerito-telefonico/view. Acesso em: 21 abr. 2025.

MORENO, Rafael Souza; VENTURA, Renato; BRÊTAS, José Roberto S. Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 27, p. 354-360, 2009. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2132979905. Acesso em:20 fev. 2025.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875. Acesso em: 23 dez. 2024.

NADALETI, Nayara Pires; SILVEIRA, Mariângela Leal da; RIBEIRO, Thaís de Cássia; LIMA, Maria Cristina da Silva. Avaliação do consumo de álcool entre adolescentes e os problemas associados. **SMAD - Revista Electronica Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 14, n. 3, 2018. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2923233611. Acesso em: 20 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DA SAÚDE.World Health Organization and the United Nations Educational. **Transformar cada escola em uma escola promotora de saúde**: Padrões e indicadores globais. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/55710. Acesso em 21 abr. 2023.

PAIVA, Paula Cristina Pelli; SILVA, Tatiane Regina Maria; FERREIRA, Adriano Silva; LIMA, Aline Fátima França; SANTOS, Marcos Vinícius de Oliveira. Consumo de álcool em binge por adolescentes escolares de 12 anos de idade e sua associação com sexo, condição socioeconômica e consumo de álcool por melhores amigos e familiares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3427–3435, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/ZFDm7NSZnxshrspNjrPNBYG/. Acesso em: 29 abr. 2025.

PEDROSA, Adriano Antonio da Silva. **Perfil epidemiológico do consumo de álcool e fatores relacionados em estudantes universitários das ciências da saúde de Maceió**. 2009. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2318. Acesso em: 15 mar. 2025.

PEREIRA, Priscila Lopes. **Uso de álcool em estudantes do município de Botucatu-SP: prevalência e fatores de risco**. 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/3bdc0cf5-fcb8-4e05-8afe-c45c2cf2a4f1/content. Acesso em: 29 abr. 2025.

PINSKY, Ilana; EL JUNDI, Sami A. R. J. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 30, p. 362-374, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/m5FzTprwNCh3RgfYLLsdNDL/abstract/?lang=pt. Acesso em: 20 abr. 2023.

PLANALTO. **Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996**. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígeros, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm. Acesso em: 9 mar. 2025.

PODOLANO, Andreia Arend. **Adolescentes filhos de dependentes químicos em abstinência: como se relacionam com o álcool?** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9132. Acesso em: 20 fev. 2025.

RODRIGUES, Mariana Camerão. **Levantamento sobre o consumo de álcool e outras drogas entre estudantes do Ensino Médio de São José do Rio Preto – São Paulo**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processo Formativo) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, 2024. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b0bfa38d-59a8-415f-9183-764aacc43d79. Acesso em: 01 fev. 2025.

ROMERA, Liana Abrão; FREITAS, Heloisa Heringer; MION, Maria Paula Louzada. A cultura do esquenta entre as juventudes no lazer noturno: uma revisão sistemática. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 26, n. 2, p. 84-113, 2023. DOI: 10.35699/2447-6218.2023.46984. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/46984. Acesso em: 22 set. 2024.

ROMERA, Liana Abrão; ORTUZAR, Aurora Madariaga; QUINTANA, Idurre Lazcano. **Educação física escolar e desafios contemporâneos: lazer, juventude e consumo de bebidas.** Revista Humanidades e Inovação, v.7, n. 10, p. 238 -252, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2884 . Acesso em 18 ago. 2025.

SANCHES, Priscila Milene Angelo. **Análise espacial do consumo de álcool em Araraquara-SP**. 2010. Tese (Doutorado em Alimentos e Nutrição) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/ba355181-4062-4033-901b-b2fba01fc6ac/content. Acesso em: 29 abr. 2025.

SANTOS, Elaine Lucas dos; OPALEYE, Emérita Sátiro; NOTO, Ana Regina. Álcool e relações de gênero: motivações e vulnerabilidades na percepção de adolescentes. **Portal de Periódicos da Capes,** 2018. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2899419740. Acesso em: 20 fev. 2025.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Decreto nº 18.073 de 2018**. Institui a divisão demográfica da área do município de São José do Rio Preto e dá outras providências. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-jose-do-rio-preto/decreto/2018/1808/18073/decreto-n-18073-2018-institui-a-divisao-geografica-da-area-do-municipio-de-sao-jose-do-rio-preto-em-regioes-e-da-outras-providencias?q=18073-2018. Acesso em: 15 de fev. 2024.

SCOTT, Juliano Beck; PROLA, Caroline de Abreu; SIQUEIRA, Aline Cardoso; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da Psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte-MG, v. 19, n. 3, p. 481–496, 2013. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/9195/0. Acesso em: 5 jul. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Adilson Gonçalves da; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina. Uso arriscado de álcool entre escolares de duas cidades do interior do estado de São Paulo. **Revista LEVS**, v. 2, n. 10, p. 290-300, 2012. Repositório Institucional Unesp. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/4ff32a53-5e6a-4f92-8098-0f37b87a5f9c. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVA, Adilson Gonçalves da; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; MARTINS, Raul Aragão. O uso de bebida alcoólica por escolares. **Revista LEVS**, v. 8, n. 1, p. 191-201, 2011. Repositório Institucional Unesp. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9f10b268-b632-452f-923c-3212fa720568. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVA, Ana Luzia Medeiros Araújo da. **Efeito de oficinas de educação e saúde no consumo de substâncias psicoativas por adolescentes**. 2019. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/36071/1/TESE%20Ana%20Luzia%20Medeiros%20Ara%c3%bajo%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

SOARES, Francisco R. R.; OLIVEIRA, Deceles I. de C.; TORRES, Joana D.M.; PESSOA, Vera L. M. de P.; GUIMARÃES, José M. X.; MONTEIRO, Ana R. M. Motivações do consumo de drogas entre adolescentes: implicações para o cuidado clínico de enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, p. e03566, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/QpQqBR47WPL7nWpLzLjvjGx/?format=html&lang=pt. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUSA, Francisco das Chagas Araújo *et al*. Vulnerabilidades e fatores associados em adolescentes escolares. **International Journal of Development Research**, v. 10, n. 4, p. 35441-35446, apr., 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43200. Acesso em: 22 set. 2024.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; DESLANDES, Suely Ferreira; GARNELO, Luiza. Modos de vida e modos de beber de jovens indígenas em um contexto de transformações. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, mai., p. 709-716, 2010. Repositório Institucional da Fiocruz – ARCA. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/1733. Acesso em: 15 mar. 2025.

TEIXEIRA, Cristina et al. Comportamentos aditivos com e sem substância em adolescentes: relação com a idade e o sexo. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 28, p. 98-111, 2022. Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4327524278. Acesso em: 20 fev. 2025.

TEIXEIRA, Patrícia Santos; STEFANINI, Maria Cristina Bergonzoni; MARTINS, Raul Aragão; CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira da. Desenvolvimento cognitivo e sintomas depressivos em adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas. **SMAD – Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, Ribeirão Preto**, v. 7, n. 1, abr. p. 3–9, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/13524671-a6d4-4f95-9c99-b0e863fe0c7c. Acesso em: 29 abr. 2025.

TIBURTINO, Glauber. Copo meio vazio: aumento no consumo de bebidas durante a pandemia desperta preocupação quanto aos efeitos colaterais. **Radis**, 2020. Disponível em: https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/alcool/o-copo-meio-vazio/. Acesso em: 29 abr. 2025.

TINÔCO, Derick dos Santos.; ROMERA, Liana Abrão. Fatores de proteção ao uso de álcool e outras drogas entre universitários. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 4762-4785, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N6-005. Disponível em: https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/842/537.Acesso em: 22 set. 2024.

VENDRAME, Alan; PINSKY, Ilana; FARIA, Roberta; SILVA, Rebeca de Souza. Apreciação de propagandas de cerveja por adolescentes: relações com a exposição prévia às mesmas e o consumo de álcool. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 359–365, fev. 2009. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W1969272201. Acesso em: 20 fev. 2025.

VIEIRA, Érica dos Santos. **Estudo compreensivo sobre adolescentes usuários de crack, seus familiares e atuação dos serviços de atenção**: o caso da equipe de referência infanto-juvenil para ações de atenção ao uso de álcool e outras drogas em Niterói, RJ. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública- ENSP/Fiocruz. Disponível em: https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f36530199c4d711ecbe6e5141d3afd01c/TD19ACI095_2013.pdf. Acesso em 27 dez. 2024.

VILLA, Louise Lisboa de Oliveira. **Consumo de álcool entre adolescentes escolares quilombolas e fatores associados**. 2017. Dissertação (Mestrado em Gênero, Cuidado e Administração em Saúde) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23691/1/louise_lisboa_de_oliveira_villa.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.

VOLLSET, Stein Emil. Confidence intervals for a binomial proportion. **Statistics in medicine**, v. 12, n. 9, p. 809-824, 1993.. https://doi.org/.

WILLHELM, Alice R.; Cabral, João C. C.; STEIGER, Jana O.; SILVA, José F. F. da; UGARTE, Luíza M.; ALMEIDA, Rosa M. M. Consumo de Álcool na Adolescência e Relação com Uso Excessivo de Bebidas Alcoólicas dos Pais: Estudantes de Quatro Escolas de Porto Alegre. **Psico**, v.46 n.2, 208–216. 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/18129. Acesso em 18 abr. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health and treatment of substance use disorders.** Geneva; 2024. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240096745. Acesso em: 27 dez. 2024.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO APLICADO PARA O LEVANTAMENTO SOBRE O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS - AUDIT E CONTEXTO SOCIAL PARA O CONSUMO DE ÁLCOOL

Levantamento sobre o consumo de Substâncias Psicoativas

Informações Gerais

1 – Termo e Assentimento Livre e Esclarecido - TALE

2- Escola que estuda

3. **Período que Estuda:** *
Marcar apenas uma oval.

- ◯ Manhã
- ◯ Tarde
- ◯ Integral
- ◯ Noite

4. **Ano que Estuda:** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ 1º Ano do Ensino Médio
- ◯ 2º Ano do Ensino Médio
- ◯ 3º Ano do Ensino Médio

5. **Sexo:** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Masculino
- ◯ Feminino
- ◯ Não se identifica com nenhum dos sexos

6. **Na sua casa você possui:** *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não tem	1	2	3	4 ou+
Banheiro	◯	◯	◯	◯	◯
Empregado doméstico	◯	◯	◯	◯	◯
Automóvel	◯	◯	◯	◯	◯
Microcomputador	◯	◯	◯	◯	◯
Lava Louça	◯	◯	◯	◯	◯
Geladeira	◯	◯	◯	◯	◯
Freezer	◯	◯	◯	◯	◯
Lava roupa	◯	◯	◯	◯	◯
DVD	◯	◯	◯	◯	◯
Microondas	◯	◯	◯	◯	◯
Motocicleta	◯	◯	◯	◯	◯
Secadora de roupa	◯	◯	◯	◯	◯

7. **O grau de instrução do chefe da família:** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Analfabeto / Fundamental I incompleto
- ◯ Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- ◯ Fundamental II completo / Médio incompleto
- ◯ Médio completo / Superior incompleto
- ◯ Superior completo

8. Serviços públicos: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Sua casa possui água encanada?	◯	◯
Sua rua é asfaltada?	◯	◯

Bebida Alcoólica

Uma dose equivale à:
1 coquetel (batida)
1 lata de cerveja (355 ml)
1 garrafa de ICE
1 taça de vinho (150 ml)
1 dose de pinga ou whisky à 40% (36 ml)

9. **Com que frequência você toma bebidas alcoólicas?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca *Pular para a pergunta 32*
- ◯ Uma vez por mês ou menos *Pular para a pergunta 10*
- ◯ Duas a quatro vezes por mês *Pular para a pergunta 10*
- ◯ Duas a três vezes por semana *Pular para a pergunta 10*
- ◯ Quatro ou mais vezes por semana *Pular para a pergunta 10*

10. **Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você costuma tomar?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ 1 ou 2 doses
- ◯ 3 ou 4 doses
- ◯ 5 ou 6 doses
- ◯ 7 a 9 doses
- ◯ 10 ou mais doses

11. **Com que frequência você toma "seis ou mais doses" em uma ocasião?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

12. **Com que frequência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

13. **Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

14. **Com que frequência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

15. **Com que frequência, durante o último ano, você sentiu culpa ou remorso depois de beber?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

16. **Com que frequência, durante o último ano, você não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Menos que uma vez ao mês
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Uma vez por semana
- ◯ Todos os dias ou quase todos

17. **Alguma vez na vida você ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de você ter bebido?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Não
- ◯ Sim, mas não no último ano
- ◯ Sim, durante o último ano

18. **Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Não
- ◯ Sim, mas não no último ano
- ◯ Sim, durante o último ano

19. **Com que idade você experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Menor de 7 Anos
- ◯ 7 à 9 anos
- ◯ 10 à 12 anos
- ◯ 13 à 15 anos
- ◯ 16 à 18 anos
- ◯ Maior de 18 anos

20. **Qual foi a bebida que você experimentou nessa primeira vez?** *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Cerveja
- [ ] Vinho
- [ ] Catuaba
- [ ] Ices e Skol Beats
- [ ] Drink (Caipirinha, batida, chevet, Gin tônica, sex on the beach)
- [ ] Destilados (Corote, vodka, askov, cachaça, velho barreiro, whisky, saque, tequila, Gin)
- [ ] Champanhe (Sidra, espumante, chuva de prata)
- [ ] Outro: _____

21. **Onde você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Casa dos pais ou familiares
- ◯ Casa de amigos
- ◯ Festa de família
- ◯ Festa com amigos
- ◯ Rua/praça/lugar aberto
- ◯ Shopping
- ◯ Bar/barzinho
- ◯ Escola
- ◯ Outro: _____

22. **Com quem você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Pais e/ou familiares
- ◯ Amigos/colegas
- ◯ Amigos e familiares
- ◯ Sozinho
- ◯ Outro: _____

23. **Qual o tipo de bebida que você mais bebe? (Poderá assinalar mais de uma)** *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Cerveja
- ☐ Vinho
- ☐ Ices e skol beats
- ☐ Drink (Caipirinha, batida, chevet, Gin tônica, sex on the beach)
- ☐ Destilados (Corote, vodka, askov, cachaça, velho barreiro, whisky, saque, tequila, Gin)
- ☐ Champanhe (Sidra, espumante, chuva de prata)
- ☐ Outro:

24. **Onde você costuma beber com maior frequência?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Casa dos pais ou familiares
- ◯ Casa de amigos
- ◯ Em festa de família
- ◯ Em festa com amigos
- ◯ Rua/praça/lugar aberto
- ◯ Shopping
- ◯ Bar/barzinho
- ◯ Escola
- ◯ Outro:

25. **Com quem você costuma beber?***

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Pais e/ou familiares
- ◯ Amigos/colegas
- ◯ Amigos e familiares
- ◯ Sozinho
- ◯ Outro:

26. **Pense no dia em que você mais bebeu. Quando foi? ***

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nos últimos 30 dias
- ◯ Nos últimos 6 meses
- ◯ No último ano (Ano Passado)
- ◯ Antes do último ano (Antes do Ano passado)

27. **Pense no dia em que você mais bebeu. Descreva qual foi a situação ***

28. **Você bebe quando está sozinho?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca *Pular para a pergunta 32*
- ◯ As vezes
- ◯ Muitas vezes
- ◯ Sempre

29. **Se bebe sozinho, em qual local costuma beber?** *

_____

_____

_____

_____

_____

30. **Diga-me, quando foi a última vez que você bebeu sozinho (a)?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nos últimos 30 dias
- ◯ Nos últimos 6 meses
- ◯ No último ano (Ano Passado)
- ◯ Antes do último ano (Antes do Ano Passado)

31. **Por que você bebeu nessa ocasião?** *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Porque quis/ sentiu vontade
- ◯ Por insistência do grupo
- ◯ Porque gosta do sabor
- ◯ Para se divertir
- ◯ Para comemorar/Porque estava feliz
- ◯ Para esquecer problema/porque estava triste
- ◯ Porque os amigos estavam bebendo
- ◯ Para experimentar
- ◯ Sem motivo específico
- ◯ Outro:

Obrigada pela colaboração!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa "Levantamento sobre o consumo de Substâncias Psicoativas entre adolescentes: padrão de consumo e contexto de uso" sob responsabilidade da aluna pesquisadora Mariana Camerão Rodrigues, pós-graduanda em Ensinos e Processos Formativos, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Aparecida Nogueira da Cruz, do Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (IBILCE/UNESP). O estudo busca levantar informações sobre o padrão de consumo de álcool e/ou outras drogas entre estudantes do ensino médio. A pesquisa terá duas etapas: na primeira, a forma de coleta de dados será por meio de um formulário on-line, respondido pelo adolescente na sala de informática da sua escola com o acompanhamento de um membro da equipe da pesquisa; na segunda etapa, alguns alunos serão sorteados aleatoriamente e serão convidados para responder uma entrevista com a pesquisadora, que irá gravar ou anotar as respostas do/a estudante.

O risco de desconforto psíquico ou outro dano possível à sua saúde é mínimo, segundo a literatura científica atual. Porém, caso ocorra qualquer desconforto, você poderá deixar de responder a pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo e será acolhido pela pesquisadora, que é psicóloga. Caso a pesquisadora identifique a necessidade de encaminhamento para profissional de psicologia e/ou saúde, este será feito.

Os seus pais (ou responsáveis) autorizaram você a participar desta pesquisa, caso você deseje. Você não precisa se identificar e está livre para participar ou não. Caso inicialmente você deseje participar, posteriormente você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Você não terá nenhum custo e poderá consultar o(a) pesquisador(a) responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Você tem direito à assistência e à indenização nos casos de danos decorrentes de sua participação na pesquisa, o que é garantido pelo Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS no.510 de 2016, Artigo 9º, inciso 6. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para podermos melhorar as políticas públicas de prevenção e acompanhamento referente ao uso de álcool e/ou outras drogas.

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome:_____ RG._____

Endereço:_____ Fone:_____

_____,_____ de _____ de 20__

Participante	Pesquisador(a) responsável

Nome Pesquisador: Mariana Camerão Rodrigues	Cargo/Função: Pós-Graduanda
Instituição: UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas	
Endereço: Rua Argentina, 410. Bairro: Jardim América	
Telefone: (17) 992162277	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP Rua Cristóvão Colombo, 2265. Bairro: Jardim Nazareth. São José do Rio Preto/SP – Fone 17-3221.2480 e 3221.2545	

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Seu filho está sendo convidado(a) como voluntário da pesquisa "Levantamento sobre o consumo de Substâncias Psicoativas entre adolescentes: padrão de consumo e contexto de uso" sob responsabilidade do aluno-pesquisador Mariana Camerão Rodrigues, pós- graduanda em Ensinos e Processos Formativos, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Aparecida Nogueira da Cruz, do Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (IBILCE/UNESP).

O estudo busca levantar informações sobre o padrão de consumo de álcool e/ou outras drogas entre estudantes do ensino médio. A pesquisa terá duas etapas: na primeira, a forma de coleta de dados será por meio de um formulário on-line, respondido pelo adolescente na sala de informática da sua escola com o acompanhamento de um membro da equipe da pesquisa; na segunda etapa, alguns alunos serão sorteados aleatoriamente e serão convidados para responder uma entrevista com a pesquisadora, que irá gravar ou anotar as respostas do/a estudante.

Não haverá nenhum custo ao participante, mas caso tenha algum prejuízo, seu filho será ressarcido de qualquer dano que venha a ter. Não haverá benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. O risco de desconforto psíquico ou outro dano possível à saúde do seu filho é mínimo, segundo a literatura científica atual. Porém, caso ocorra qualquer desconforto, seu filho poderá deixar de responder a pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo e será acolhido pela pesquisadora, que é psicóloga. Caso a pesquisadora identifique a necessidade de encaminhamento para profissional de psicologia e/ou saúde, este será feito.

Todas as informações fornecidas por ele/ela e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas.

Durante a coleta de dados é imprescindível que tanto o pesquisador quanto os participantes estejam usando máscaras e seguindo os protocolos de segurança para a prevenção do coronavírus. E poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente (seguindo as medidas de prevenção ao coronavírus) ou pelo e-mail do pesquisador (mariana.camerao@unesp.com.br), para esclarecimento de qualquer dúvida.

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, coloque sua assinatura a seguir.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador(a) responsável

Nome Pesquisador: Mariana Camerão Rodrigues	Cargo/Função: Pós-Graduanda
Instituição: UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas	
Endereço: Rua Argentina, 410. Bairro: Jardim América	
Telefone: (17) 992162277	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP Rua Cristóvão Colombo, 2265. Bairro: Jardim Nazareth. São José do Rio Preto/SP – Fone 17-3221.2480 e 3221.2545	

ANEXO A - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNESP - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS/ CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/IBILCE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LEVANTAMENTO SOBRE O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE ESTUDANTES: PADRÃO DE CONSUMO E CONTEXTO DE USO

Pesquisador: MARIANA CAMERAO RODRIGUES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64365722.9.0000.5466

Instituição Proponente: Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.871.819

Apresentação do Projeto:

Este projeto é referente ao mestrado da aluna Mariana Camerão Rodrigues sob orientação da Profa Dra Luciana Aparecida Nogueira da Cruz. Tem o intuito de investigar o padrão de consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e o contexto social deste uso. Será realizado com alunos do ensino médio e consta de duas etapas, incialmente uma pesquisa quantitativa com 500 alunos e, posteriormente, uma qualitativa com os alunos que tiverem uma pontuação igual ou maior que seis no AUDIT.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Investigar o padrão de consumo de SPA em estudantes de ensino médio e o contexto social desse uso.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Realizar levantamento sobre uso de álcool e outras drogas entre estudantes do ensino médio de escolas de São José do Rio Preto;

Descrever o contexto social de uso de SPA entre estudantes;

Conhecer, a partir do relato dos estudantes, o contexto social de experimentação e consumo de álcool e outras drogas.

Endereço: Rua Cristóvão Colombo, 2265 - Prédio principal, Ala 1, 1° andar, sala 9.
Bairro: JARDIM NAZARETH **CEP:** 15.054-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3221-2480 **E-mail:** cep.ibilce@unesp.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Há riscos de desconforto durante o preenchimento do questionário ou participação da entrevista. Segundo os pesquisadores, os participantes serão informados sobre tais riscos e do seu direito de desistirem de participar a qualquer momento sem prejuízos. Para minimizar o risco de de exposição para a segunda fase serão selecionados não apenas os estudantes que pontuarem positivamente, mas também aqueles que pontuarem de forma negativa, para que não haja estigmatização dos estudantes que fazem uso excessivo de álcool, por parte dos colegas e não se sintam desconfortáveis.

Benefícios:

A pesquisa gerará benefícios fornecendo informações para a melhoria das políticas públicas de prevenção e acompanhamento referente ao uso de álcool e/ou outras drogas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Em relação as pendências apresentadas a pesquisadora apresentou a carta resposta abaixo atendendo todas as pendências.

PENDÊNCIA 1. Uniformizar o tamanho da amostra separando os grupos da primeira fase (500 alunos) e da 2ª fase (50 ou 100 alunos?) Nos diversos documentos. Se considerar pertinente, ajustar nos documentos o tamanho da amostra, se os alunos da segunda fase estão compreendidos na primeira fase.

RESPOSTA 1. Foi corrigido o tamanho da amostra da pesquisa, permanecendo 500 alunos na primeira fase e, escolhendo aleatoriamente, a partir dos resultados dessa primeira fase, os alunos da segunda fase. (Foi modificado no projeto detalhado e também no detalhamento do estudo da Plataforma Brasil)

PENDÊNCIA 2. Descrever como será o processo de seleção para a segunda fase e qual o critério que será usado (qual score?) e como os alunos serão informados para evitar o desconforto ou a exposição destes perante os colegas e a escola.

RESPOSTA 2. Foi alterado no projeto detalhado, onde ficou explícito como será realizada a seleção para a segunda etapa, a partir dos escores obtidos pelos questionários utilizados e também pontuado sobre o desconforto dos alunos e estratégias para que minimize esse dano. "sendo entrevistados aqueles que relatarem consumir mais de cinco doses semanais, com escore igual ou acima de oito pontos no AUDIT, classificados como positivos; e no ASSIST, aqueles que pontuarem igual ou maior que seis. Tendo os dados tabulados, serão sorteados aleatoriamente os alunos que

serão entrevistados, atentando-se em não apenas sortear os estudantes que pontuarem positivamente, mas também aqueles que pontuarem de forma negativa, para que não haja estigmatização dos estudantes que fazem uso excessivo de álcool, por parte dos colegas e não se sintam desconfortáveis" (pag 11)

PENDÊNCIA 3. Se o TALE e o TCLE for o mesmo, acrescentar a segunda fase e a gravação das entrevistas da segunda fase. Se não, apresentá-los seguindo os critérios para tal fase e acrescentar o risco de exposição dos alunos e como será minimizado.

RESPOSTA 3. Acrescentou-se no TALE e no TCLE a segunda fase da pesquisa.

"A pesquisa terá duas etapas: na primeira, a forma de coleta de dados será por meio de um formulário on-line, respondido pelo adolescente na sala de informática da sua escola com o acompanhamento de um membro da equipe da pesquisa; na segunda etapa, alguns alunos serão sorteados aleatoriamente e serão convidados para responder uma entrevista com a pesquisadora, que irá gravar ou anotar as respostas do/a estudante".

PENDÊNCIA 4. Apresentar os questionários que serão utilizados

RESPOSTA 4. Os questionários e a entrevista utilizada foram inseridos no projeto detalhado, como Apêndice A e Apêndice B, dá página 15 em diante.

PENDÊNCIA 5. Acrescentar o risco de exposição dos alunos para a segunda fase da pesquisa e como minimizá-los.

RESPOSTA 5. Foi acrescentado no projeto detalhado, no TCLE e no TALE o risco de exposição dos alunos para a segunda fase, porém serão também escolhidos alunos com escores baixos, para que não haja estigmatização dos estudantes que fazem uso excessivo de álcool, por parte dos colegas " O risco de desconforto psíquico ou outro dano possível à sua saúde é mínimo, segundo a literatura científica atual. Porém, caso ocorra qualquer desconforto, você poderá deixar de responder a pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo e será acolhido pela pesquisadora, que é psicóloga. Caso a pesquisadora identifique a necessidade de encaminhamento para profissional de psicologia e/ou saúde, este será feito". (TALE).

PENDÊNCIA 6. Apresenta o termo de anuência da diretoria de ensino, mas não informa em quais escolas será realizada a pesquisa RESPOSTA 6. Foi acrescentado no projeto detalhado, que as escolas serão escolhidas de acordo com o último Diagnóstico Socioterritorial de São José do Rio Preto e dependerá também da autorização da

gestão.

UNESP - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS/ CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/IBILCE



"Concedidas as autorizações dos órgãos citados, entraremos em contato telefônico ou por endereço eletrônico com gestores de uma escola de cada território, de acordo com o último Diagnóstico Socioterritorial de São José do Rio Preto. A definição das escolas que participarão da pesquisa, dependerá da autorização da gestão". (pág 10).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos os termos e as correções no TALE e TCLE com a inclusão da segunda etapa da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião ordinária de 31 de janeiro de 2023, deliberou, por unanimidade, pela aprovação do presente Projeto de Pesquisa. Os relatórios parciais deverão ser encaminhados semestralmente, contando a partir desta data, bem como o relatório final, conforme modelo em nossa página: http://www.ibilce.unesp.br/#!/comite/etica-em-pesquisa/relatorio-projeto

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2031480.pdf	02/12/2022 12:50:13		Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	02/12/2022 12:48:05	MARIANA CAMERAO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_ADOLESCENTES.pdf	02/12/2022 12:46:57	MARIANA CAMERAO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais.pdf	02/12/2022 12:46:07	MARIANA CAMERAO RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_mestrado_Mariana.pdf	02/12/2022 12:45:47	MARIANA CAMERAO	Aceito

UNESP - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS/ CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/IBILCE

Continuação do Parecer: 5.871.819

Investigador	Projeto_mestrado_Mariana.pdf	02/12/2022 12:45:47	RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folharostoMariana.pdf	18/10/2022 08:35:13	MARIANA CAMERAO RODRIGUES	Aceito
Declaração de concordância	Carta_DE_ok.pdf	11/10/2022 10:43:35	MARIANA CAMERAO RODRIGUES	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

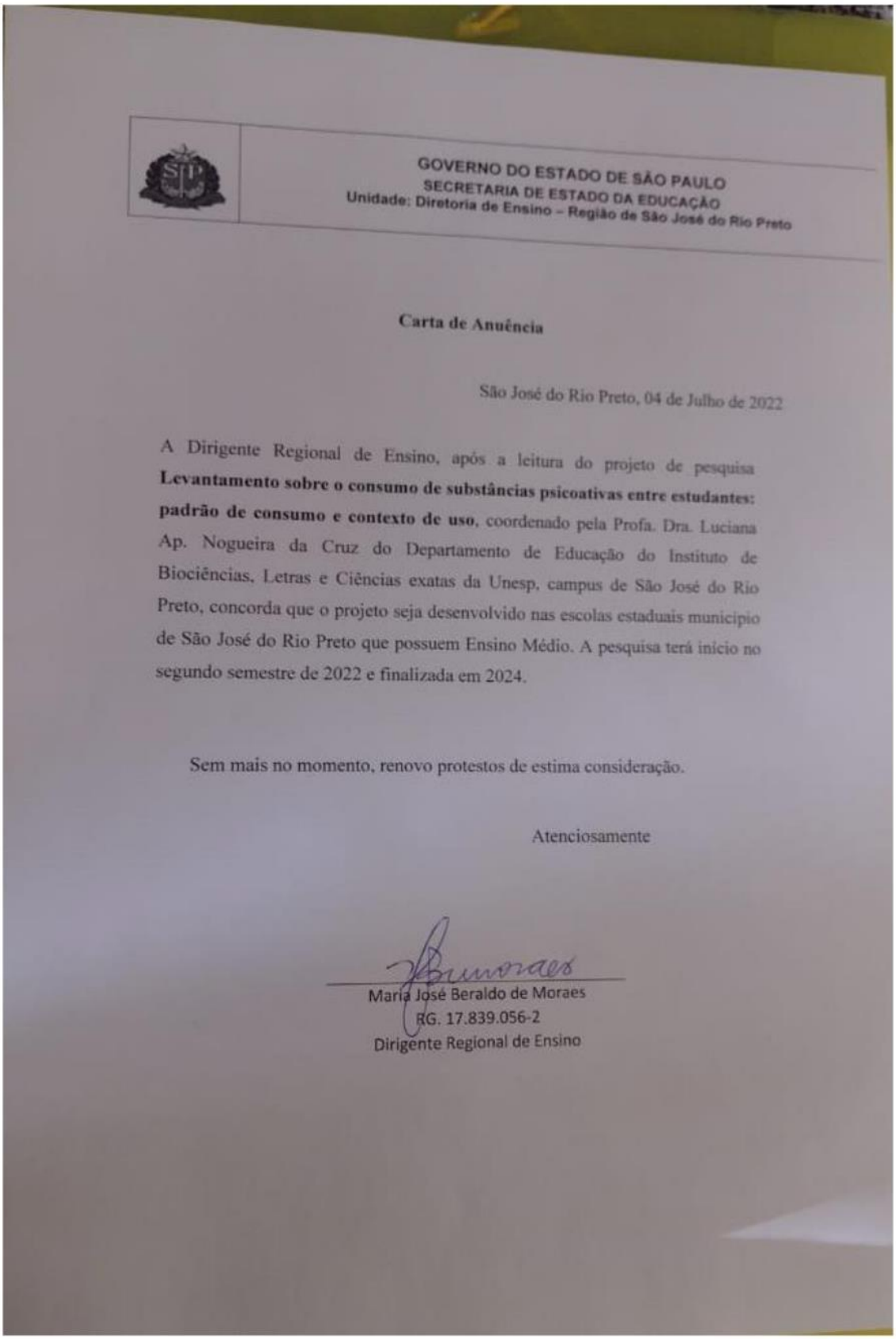
Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO JOSE DO RIO PRETO, 01 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
Claudia Regina Bonini Domingos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cristóvão Colombo, 2265 - Prédio principal, Ala 1, 1° andar, sala 9.
Bairro: JARDIM NAZARETH **CEP:** 15.054-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3221-2480 **E-mail:** cep.ibilce@unesp.br

ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Unidade: Diretoria de Ensino – Região de São José do Rio Preto

Carta de Anuência

São José do Rio Preto, 04 de Julho de 2022

A Dirigente Regional de Ensino, após a leitura do projeto de pesquisa **Levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes: padrão de consumo e contexto de uso**, coordenado pela Profa. Dra. Luciana Ap. Nogueira da Cruz do Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas da Unesp, campus de São José do Rio Preto, concorda que o projeto seja desenvolvido nas escolas estaduais município de São José do Rio Preto que possuem Ensino Médio. A pesquisa terá início no segundo semestre de 2022 e finalizada em 2024.

Sem mais no momento, renovo protestos de estima consideração.

Atenciosamente

Maria José Beraldo de Moraes
RG. 17.839.056-2
Dirigente Regional de Ensino